



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**THAMIRES SILVA CAVALCANTE**

**A VIDA DO POVO TUPI DO SÍTIO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA,  
ANALISADA A PARTIR DE SUA CERÂMICA E OSSOS HUMANOS.**

**CAMPINA GRANDE  
2023**

**THAMIRES SILVA CAVALCANTE**

**A VIDA DO POVO TUPI DO SÍTIO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA,  
ANALISADA A PARTIR DE SUA CERÂMICA E OSSOS HUMANOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de monografia apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB como requisito para a obtenção do título de graduado em Licenciatura Plena em História.

**Orientador:** Prof. Dr. Juvandi de Souza Santos

**CAMPINA GRANDE  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C376v Cavalcante, Thamires Silva.  
A vida do povo tupi do sítio Moconha, Serra Grande, Paraíba, analisada a partir de sua cerâmica e ossos humanos [manuscrito] / Thamires Silva Cavalcante. - 2023.  
111 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Juvandi de Souza Santos ,  
Coordenação do Curso de História - CEDUC. "

1. Arqueologia . 2. Arqueologia. 3. Povos indígenas. 4.  
Tupi. 5. Cerâmica tupi. I. Título

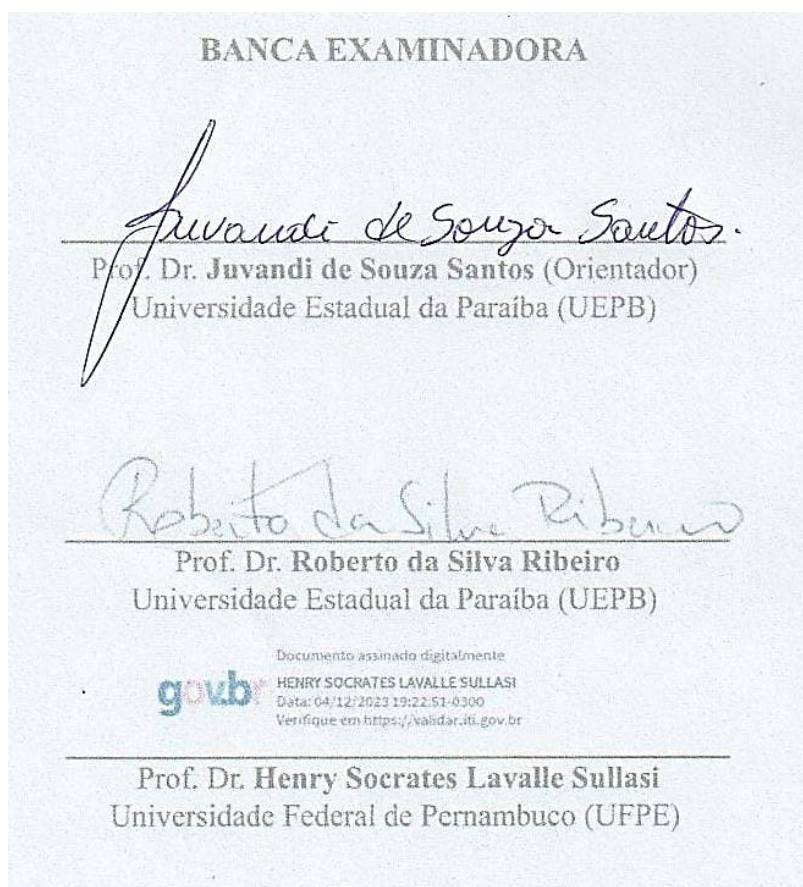
21. ed. CDD 930.1

THAMIRES SILVA CAVALCANTE

A VIDA DO POVO TUPI DO SÍTIO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA,  
ANALISADA A PARTIR DE SUA CERÂMICA E OSSOS HUMANOS.

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de monografia apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB como requisito para a obtenção do título de graduado em Licenciatura Plena em História.

Aprovada em: 21/11/2023.



## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a Deus que sempre foi meu porto seguro, à minha mãe Luciene Niedja da Silva e ao meu pai Alexandre Ramos Cavalcante, que sempre me incentivaram a seguir em frente e estudar para ter uma vida melhor. Meus pais se dedicaram todos esses anos em me auxiliar e nunca me deixaram desistir. Obtenho essa conquista em memória de todos aqueles que não tiveram a oportunidade de estudar e por todo o esforço empregado por meus pais em favor da minha educação social e acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

Ao Deus de Israel que me capacitou para estudar, me concedeu paciência, me sustentou e viu em cada lágrima o significado dos meus sentimentos de dor e alegria.

À minha mãe, pai e querida irmã Ana Beatriz Silva Cavalcante por estarem sempre presentes aguentando essa jornada extensa e gratificante comigo, vibrando em cada conquista.

Ao competente e estimado orientador, o Professor Doutor Juvandi de Souza Santos, pela excelente oportunidade de realizar pesquisas arqueológicas, atuar em campo e disseminar nossos trabalhos para outras instituições acadêmicas, contribuindo firmemente para a minha formação acadêmica. Em pouco mais de três anos de pesquisa, apresentou as riquezas que a arqueologia paraibana pode oferecer.

Ao incentivo para esta pesquisa por meio do PIBIC/CNPq UEPB e LABAP – UEPB.

Aos diversos colegas de pesquisa pelas inúmeras trocas de materiais de estudo, experiências e aprendizados constantes.

Ao Professor Doutor Henry Socrates Lavallo Sullasi, pelas orientações e por me permitir conhecer e aprender um pouco sobre o trabalho realizado pelo LEARQ - UFPE.

Ao estimado Professor Doutor Manoel Odorico de Moraes, pelos excelentes conselhos e contribuições científicas.

Ao Professor Doutor André Prous da UFMG, por ter disponibilizado excelentes materiais sobre a arqueologia brasileira, que serviram de base principal para a consolidação da pesquisa.

Aos professores do Curso de Licenciatura Plena em História, pela formação diversa e proveitosa.

Aos colegas de turma pelo acolhimento, respeito, atenção e admiração pelo meu trabalho.

## RESUMO

Por muito tempo as pesquisas historiográficas e arqueológicas estabeleceram classificações primárias a respeito da presença dos povos indígenas em território paraibano. Os tupi, de acordo com o mapa da Paraíba elaborado pelo etnólogo José Elias Borges e Raimundo Galvão (1964), no recorte a partir do século XVII, eram habitantes do litoral paraibano, considerando, por sua vez, que os povos Tarairiú estavam ao centro do estado e os Cariri estavam sentenciados ao antagonismo sertanejo. No entanto, não se pode estagnar esses povos levando em conta as inúmeras movimentações por questões de conflito e outras necessidades os povos pretéritos poderiam mudar seus locais de habitação deixando como prova registros materiais referentes a sua cultura, situação essa constatada por novas descobertas. O intuito geral da pesquisa é apresentar brevemente o sítio arqueológico Moconha, que se encontra no município de Serra Grande, Alto Sertão paraibano, em seguida trazer análises macroscópicas e microscópicas executadas através do incentivo do PIBIC/CNPq- UEPB (2021 -2023) e LABAP - UEPB, cujo material arqueológico e bioarqueológico do referido sítio, apresenta características que remetem de maneira preliminar à tradição ceramista e funerária tupi. A metodologia aplicada tem por base obras como a Cerâmica Guarani (1989), artigos e dissertações que tratam da arqueologia tupi. Nesse sentido, o objetivo principal da pesquisa é apresentar as diversas vasilhas, vasilhames, fragmentos e urnas funerárias, a partir da realização do trabalho de separação e higienização do material, descrevendo suas características de fabricação, queima, pasta, decoração pintada e plástica, a fim de estabelecer relações com outras cerâmicas do estado da Paraíba, Nordeste e outras regiões do Brasil comprovadamente tupi e que apresentam elementos parecidos para classificar o referido sítio enquanto tupi e demonstrar que a presença dessa etnia está muito além do litoral paraibano. A segunda parte da pesquisa tem por objeto de estudo uma das urnas funerárias repleta de material ósseo, cujo objetivo é separar, classificar a tipologia e identificar de maneira prévia a quantidade de indivíduos depositados e respectivos indícios de enfermidades e fraturas. Com o término das explanações será cabível compreender o valor e potencial para pesquisas históricas e arqueológicas que o sítio Moconha contém para assim mudar de forma prefacial o quadro historiográfico de distribuição dos povos pretéritos em território paraibano.

**palavras-chave:** Sítio Moconha; Cerâmica tupi; Arqueologia.

## ABSTRACT

For a long time, historiographical and archaeological research established primary classifications regarding the presence of indigenous peoples in Paraíba territory. The Tupi, according to the map of Paraíba prepared by ethnologist José Elias Borges and Raimundo Galvão (1964), in the section from the 17th century, were inhabitants of the coast of Paraíba, considering, in turn, that the Tarairiú people were in the center of the state and the Cariri were sentenced to sertanejo antagonism. However, these people cannot stagnate, taking into account the countless movements due to conflict and other needs. Past people could change their places of residence, leaving material records relating to their culture as proof, a situation confirmed by new discoveries. The general purpose of the research is to briefly present the archaeological site Moconha, which is located in the municipality of Serra Grande, Alto Sertão Paraíba, then bring macroscopic and microscopic analyzes carried out through the encouragement of PIBIC/CNPq- UEPB (2021 -2023) and LABAP - UEPB, whose archaeological and bioarchaeological material from the aforementioned site presents characteristics that refer in a preliminary way to the Tupi ceramics and funerary tradition. The methodology applied is based on works such as *Cerâmica Guarani* (1989), articles and dissertations that deal with Tupi archeology. In this sense, the main objective of the research is to present the various vessels, containers, fragments and funerary urns, based on the work of separating and sanitizing the material, describing its characteristics of manufacturing, burning, pasting, painted and plastic decoration, the in order to establish relationships with other ceramics from the state of Paraíba, the Northeast and other regions of Brazil that are proven to be Tupi and that present similar elements to classify the aforementioned site as Tupi and demonstrate that the presence of this ethnic group goes far beyond the coast of Paraíba. The second part of the research has as its object of study one of the funeral urns filled with bone material, the objective of which is to separate, classify the typology and identify in advance the number of individuals deposited and respective signs of illnesses and fractures. With the end of the explanations, it will be possible to understand the value and potential for historical and archaeological research that the Moconha site contains in order to prefacially change the historiographical picture of the distribution of past peoples in the territory of Paraíba.

**keywords:** Sítio Moconha; Tupi ceramics; Archeology.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Área (parte) do sítio Moconha, completamente antropofizado pela retirada de argila (massame), Serra Grande, Paraíba.....	19
<b>Figura 2</b> – Indígenas da Paraíba - Distribuição aproximada das Tribos - Séculos XVII e XVIII.....	20
<b>Figura 3</b> – Vasilha com decoração pintada.....	22
<b>Figura 4</b> – Decoração interna.....	22
<b>Figura 5</b> – Sítio Moconha – Serra Grande.....	23
<b>Figura 6</b> – Detalhes internos do 2º fragmento.....	23
<b>Figura 7</b> – Decoração triangular interna.....	23
<b>Figura 8</b> – Sítio PE 0508 LA/UFPE, Aliança.....	24
<b>Figura 9</b> – Mata da Figueira (código do sítio 169), Cândido Mota - São Paulo – SP....	24
<b>Figura 10</b> – Cerâmica do sítio Tambor, Cuité – PB.....	25
<b>Figura 11</b> – Sítio PE 0508, LA/UFPE, Aliança, Pernambuco.....	25
<b>Figura 12</b> – Sítio PB 0001 LA/UFPE, Pico do Jabre, Serra do Teixeira, Paraíba.....	26
<b>Figura 13</b> – Cerâmica do sítio Boa Vista – Serra Grande – PB.....	27
<b>Figura 14</b> – Cerâmica do sítio Moconha, Serra Grande – PB.....	27
<b>Figura 15</b> – Motivos losangulares externos em cima borda da primeira cerâmica.....	28
<b>Figura 16</b> – Cerâmica do sítio Moconha, Serra Grande – PB.....	28
<b>Figura 17</b> – Sítio PE 496 – Joaquim Nabuco.....	29
<b>Figura 18</b> – Decoração triangular.....	29
<b>Figura 19</b> – Decoração triangular.....	30
<b>Figura 20</b> – Cerâmica do sítio Moconha.....	30
<b>Figura 21</b> – Mistilínea contínua dupla (...) Pintura externa, vermelho sobre branco Área do alto Uruguai, subárea de Machadinho.....	31
<b>Figura 22</b> – Linha em cima da borda.....	32
<b>Figura 23</b> – Cerâmica do Sítio Moconha, Serra Grande – PB.....	33
<b>Figura 24</b> – Cerâmica do sítio Moconha, Serra Grande – PB, (aprox. 17x19cm).....	34
<b>Figura 25</b> – Fragmento de cerâmica com decoração pintada.....	35
<b>Figura 26</b> – Fragmento de cerâmica.....	35
<b>Figura 27</b> – Lateral escura de uma das cerâmicas.....	36
<b>Figura 28</b> – Fragmentos retirados do Sítio Moconha, Serra Grande – PB.....	37
<b>Figura 29</b> – Detalhe do fragmento do sítio Moconha, Serra Grande – PB.....	38

<b>Figura 30</b> – Baixio do Lopes – bordas com pintura.....	38
<b>Figura 31</b> – Cerâmicas do sítio Moconha, Serra Grande – PB.....	39
<b>Figura 32</b> – Material cerâmico, sítio Moconha, Serra Grande – PB.....	40
<b>Figura 33</b> – Motivo 3 -sucessão de linhas horizontais paralelas (fragmento PECG-03-19762-3).....	40
<b>Figura 34</b> – Fragmentos do sítio Moconha.....	41
<b>Figura 35</b> – Fragmentos do sítio Moconha.....	42
<b>Figura 36</b> – Fragmentos do sítio MC de base, com banho, depósito de carbono, incisos na face interna, banho e fuligem.....	42
<b>Figura 37</b> – Cerâmicas do sítio Moconha, Serra Grande – PB.....	44
<b>Figura 38</b> – Cerâmicas do sítio Moconha, Serra Grande – PB.....	44
<b>Figura 39</b> – Cerâmicas do sítio Moconha, Serra Grande – PB.....	45
<b>Figura 40</b> – Fragmentos do sítio MC de base, com banho, depósito de carbono, incisos na face interna, banho e fuligem. Fragmentos do sítio TT com fuligem, banho, polidor de sulco, engobo branco, polidor de sulco cruzado e fuligem.....	45
<b>Figura 41</b> – Acabamentos de superfície do Conjunto 3, sítio TT. a) banho; b) engobo vermelho; c) engobo branco; d) polidor de sulco. (Fotos: Ader Gotardo). Fragmentos do sítio MC de base, com banho, depósito de carbono, incisos na face interna, banho e fuligem.....	45
<b>Figura 42</b> – Cerâmicas com decoração plástica na borda.....	47
<b>Figura 43</b> – Cerâmicas com decoração plástica na borda.....	48
<b>Figura 44</b> – Cerâmica com decoração plástica na borda.....	48
<b>Figura 45</b> – Borda com decoração plástica.....	48
<b>Figura 46</b> – Fragmentos do sítio TT com fuligem, banho, polidor de sulco, engobo branco, polidor de sulco cruzado e fuligem.....	49
<b>Figura 47</b> – Acabamentos de superfície do Conjunto 3, sítio TT. a) banho; b) engobo vermelho; c) engobo branco; d) polidor de sulco (Fotos: Ader Gotardo)....	49
<b>Figura 48</b> – 3.1.5 Ungulado arrastado.....	49
<b>Figura 49</b> – Cerâmica com motivo plástico presente na borda.....	51
<b>Figura 50</b> – Cerâmicas com escovação externa.....	51
<b>Figura 51</b> – Cerâmicas com escovação externa.....	51
<b>Figura 52</b> – Cerâmicas com escovação externa.....	52

<b>Figura 53</b> – Detalhe decoração escovava. Acervo MHN/UFMG.....	53
<b>Figura 54</b> – Vasilha do sítio Moconha, Serra Grande – PB, (detalhes internos e externos).....	54
<b>Figura 55</b> – B) vasilhas abertas (bacia com borda entalhada, tigela com decoração roletada e tigelas com pintura interna). Desenhos: C.Jácome e B. Ribeiro.	55
<b>Figura 56</b> – Vasilha do sítio Moconha, Serra Grande – PB.....	56
<b>Figura 57</b> – Vasilha do sítio Moconha, Serra Grande – PB.....	56
<b>Figura 58</b> – Desenho da vasilha, sedimentos, bojo externo e borda.....	56
<b>Figura 59</b> – B) vasilhas abertas (bacia com borda entalhada, tigela com decoração roletada e tigelas com pintura interna). Desenhos: C.Jácome e B. Ribeiro.	58
<b>Figura 60</b> – Baixo do Lopes – bordas com pintura. 1. Conjunto de bordas com decoração pintada.....	59
<b>Figura 61</b> – Imagem microscópica da pasta 1.....	60
<b>Figura 62</b> – Imagens microscópica da pasta 2.....	61
<b>Figura 63</b> – Imagem microscópica da pasta 3.....	61
<b>Figura 64</b> – Imagem microscópica da pasta 4.....	61
<b>Figura 65</b> – Imagem microscópica da pasta 5.....	62
<b>Figura 66</b> – Urna do sítio Moconha, Serra Grande – PB.....	62
<b>Figura 67</b> – Tratamento com decoração pintada em partes específicas de vasilhas Tupiguarani.....	63
<b>Figura 68</b> – Material ósseo encontrado em urna funerária do sítio Moconha, Serra Grande – PB.....	64
<b>Figura 69</b> – Cerâmicas do sítio Moconha – Serra Grande – PB.....	65
<b>Figura 70</b> – Detalhes estriados nas cerâmicas do sítio Moconha.....	65
<b>Figura 71</b> – Detalhe da pintura da borda interna da urna A.....	65
<b>Figura 72</b> – Fragmento de cerâmica do sítio Moconha.....	66
<b>Figura 73</b> – Lateral da cerâmica.....	67
<b>Figura 74</b> – Sítio Arqueológico Triunfo, Ipanema, Minas Gerais – MG.....	67
<b>Figura 75</b> – Fotografia da borda externa mostrando a fita de base branca sob o desenho sinuoso em negro.....	67
<b>Figura 76</b> – Fragmentos de cerâmica com restos de pintura.....	68
<b>Figura 77</b> – Sedimento.....	69
<b>Figura 78</b> – Fragmentos de cerâmica da borda.....	69

<b>Figura 79</b> – Detalhes da decoração.....	70
<b>Figura 80</b> – análise microscópica que apresenta micro fragmentos de quartzo.....	70
<b>Figura 81</b> – Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, RS, Itapiranga, Santa Catarina.....	72
<b>Figura 82</b> – Cerâmicas do sítio Moconha, Serra Grande – PB.....	72
<b>Figura 83</b> – Cerâmicas do sítio Moconha, Serra Grande – PB.....	73
<b>Figura 84</b> – 1 e 2 Sítio Sinal Verde, São Lourenço da Mata, Pernambuco (554-98 PE; 554); 3 - Sítio Regadas Garcia, Pompéia - São Paulo – SP (1127REG); 4 - Sítio Abrigo da Pilastra, Montalvânia – MG (151).....	75
<b>Figura 85</b> – Imagem da urna durante o processo de coleta dos ossos.....	77
<b>Figura 86</b> – parte superior e interior do crânio.....	77
<b>Figura 87</b> – Face frontal e interna do crânio.....	78
<b>Figura 88</b> – presença interna de fungo.....	79
<b>Figura 89</b> – parte interna e externa geral – parte interna e externa da deformidade.....	79
<b>Figura 90</b> – Chamuscado, lesão central, lesão lateral e sutura.....	80
<b>Figura 91</b> – Face externa e interna – deformidade lateral.....	80
<b>Figura 92</b> – crânio (face externa).....	81
<b>Figura 93</b> – crânio (face interna).....	81
<b>Figura 94</b> – Fragmento de crânio.....	82
<b>Figura 95</b> – microscopia da área afetada.....	82
<b>Figura 96</b> – Fragmentos de crânio.....	83
<b>Figura 97</b> – Costelas.....	83
<b>Figura 98</b> – Costelas.....	84
<b>Figura 99</b> – Vértex.....	85
<b>Figura 100</b> – ulnas (2).....	85
<b>Figura 101</b> – microscopia da região afetada na 1ª ulna.....	86
<b>Figura 102</b> – raios.....	87
<b>Figura 103</b> – parte superior do sacro.....	88
<b>Figura 104</b> – parte externa e interna; eminências alveolares e cavidade cística.....	88
<b>Figura 105</b> – microscopia da cavidade (remanescentes cristalinos).....	89
<b>Figura 106</b> – mandíbula inferior (esquerda) externo-interno.....	90
<b>Figura 107</b> – Cavidades dentárias e fungos.....	90
<b>Figura 108</b> – Fragmentos de mandíbula.....	91

<b>Figura 109</b> – fragmento de mandíbula (esquerda).....	91
<b>Figura 110</b> – Dentes humanos.....	92
<b>Figura 111</b> – mandíbula inferior.....	93
<b>Figura 112</b> – Fêmur direito (regiões afetadas indicadas).....	93
<b>Figura 113</b> – Possível (cabeça e corpo do fêmur) metástase óssea (câncer).....	94
<b>Figura 114</b> – microscopia da parte afetada (perfurações e desgaste).....	94
<b>Figura 115</b> – 1º fêmur e 2º fêmur.....	95
<b>Figura 116</b> – Ossos longos.....	95
<b>Figura 117</b> – Osso com perfuração.....	96
<b>Figura 118</b> – Osso da pelve.....	97
<b>Figura 119</b> – Ossos da pelve.....	97
<b>Figura 120</b> – Esquema com aberturas da incisura isquiática maior e suas gradações, conforme o sexo.....	98
<b>Figura 121</b> – Microscopia (presença de fungos).....	98
<b>Figura 122</b> – parte inferior de fêmur.....	99
<b>Figura 123</b> – Úmero parte inferior (frente).....	99
<b>Figura 124</b> – Perfurações na fossa do olécrano.....	100
<b>Figura 125</b> – Úmeros.....	101
<b>Figura 126</b> – Ossos do pé.....	101
<b>Figura 127</b> – Tálus.....	102
<b>Figura 128</b> – Calcâneos.....	102
<b>Figura 129</b> – Patelas.....	103

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>O SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA, SERRA GRANDE – PB.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1</b>	<b>O município de Serra Grande, estado da Paraíba.....</b>	<b>18</b>
<b>2.2</b>	<b>O sítio arqueológico Moconha.....</b>	<b>18</b>
<b>3</b>	<b>ANÁLISES DO MATERIAL CERÂMICO.....</b>	<b>21</b>
<b>3.1</b>	<b>Vasilha e fragmentos com borda reforçada e decoração pintada.....</b>	<b>21</b>
<b>3.2</b>	<b>Fragmentos de cerâmica com pintura preta.....</b>	<b>36</b>
<b>3.3</b>	<b>Fragmentos com decoração plástica, fuligem decoração plástica e escovada.....</b>	<b>43</b>
<b>3.4</b>	<b>Urna (possivelmente) infantil e vasilha com decoração pintada.....</b>	<b>54</b>
<b>3.5</b>	<b>Antiplástico - presença de grãos na pasta.....</b>	<b>59</b>
<b>3.6</b>	<b>Urna funerária com decoração pintada e fragmentos ósseos.....</b>	<b>62</b>
<b>3.7</b>	<b>Fragmentos de cerâmicas com decoração pintada linear.....</b>	<b>64</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISES INICIAIS DOS FRAGMENTOS DE OSSOS HUMANOS COLETADOS EM URNA FUNERÁRIA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA, SERRA GRANDE - PB.....</b>	<b>74</b>
<b>4.1</b>	<b>Fragmentos de crânio - frontal, posterior, occipital e parietal.....</b>	<b>76</b>
<b>4.2</b>	<b>Costelas fragmentadas, vértebras (cervicais, atlas, lombar, torácica e típica), ulna, rádio e sacro.....</b>	<b>83</b>
<b>4.3</b>	<b>Fragmentos de mandíbulas inferiores e dentição humana.....</b>	<b>87</b>
<b>4.4</b>	<b>Ossos do fêmur com (possível) metástase, ossos da pelve e úmero.....</b>	<b>92</b>
<b>4.5</b>	<b>Ossos do pé, tálus, calcâneo e patelas.....</b>	<b>100</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>104</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>106</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A cultura material arqueológica é uma identidade que permite ao mundo contemporâneo realizar o estudo dos povos do passado e pode ser processada como um importante mecanismo para a construção de dados historiográficos. As pesquisas arqueológicas trazem luz ao que parecia ser inalcançável, por exemplo, a respeito dos povos indígenas pretéritos.

Os Tupi representam povos pretéritos de grande movimentação territorial mais conhecidos na história do Brasil, empreenderam grandes ramificações tribais e expansões dentro dos recortes pré – colonial e pós – colonial por todo o território dentro e fora do Brasil. A respeito da origem desses povos Tupi:

Depois da hipótese de Martius, outras surgiram, como a de D’Orbigny (1839[1944]) que apontou a região entre o Paraguai e o Brasil. Karl Von Den Steinen (1886) sugeriu as cabeceiras do rio Xingu, e, por sua vez, Paul Ehrenreich (1891), considerava como centro de “irradiação” as regiões do médio Paraná, Alto Paraguai e Bolívia (CONCEIÇÃO, 2016, p. 45 - 46, apud NOELLI, 1993, 1996).

Além da dispersão, os Tupi, seus referidos costumes ceramistas, decorativos e fúnebres foram conservados nesse processo, permitindo que sejam identificados como tais onde quer que estivessem. Ademais, estava estabelecido que:

O nordeste brasileiro estava ocupado, no trato litorâneo, pelos tupis, e, no sertão, pelos gês e cariris: a) os caetés entre o São-Francisco e Itamaracá (ou o Paraíba), os tobajaras ao norte destes e na serra de Ibiapaba, os potiguaras entre o Paraíba e o Jaguaribe, aos quais se seguiam os tupinambás; b) os timbiras, tarairiús, etc., do grupo gê, e os teremembés, os paiaçús, os icós, e outros, todos cariris, nas zonas interiores. Algumas tribus cariris encontravam-se na faixa costeira, intercaladas entre os tupis (PINTO, 1938, n.p).

Entretanto, cabe enfatizar que “Não há consenso quanto à localização geográfica desse centro e quanto à direção das rotas” (NOELLI, 1996, p. 8), o que significa que não se pode determinar um único espaço de origem e habitação. Por muito tempo, se afirmou que os Tupi habitavam somente a região litoral do território paraibano, deixando a suposta hostilidade sertaneja aos Tapuia. Como exemplo dessa perspectiva, o administrador da capitania paraibana em 1636 – 1639, no período neerlandês, Elias Herckmans defendia a perspectiva de ocupação Tupi reservada ao litoral em seus escritos “Descrição geral da Capitania da Parahyba”

(1639/1886). Ele afirma que “Os tapuyas forma um povo que habita no interior para o lado do occidente sôbre os montes e em sua visinhança, em logares que são os limites os mais afastados das Capitânicas (...)” (HERCKMANS, 1639/1886, p. 279, apud, CAVALCANTE, et al. 2022, p. 3).

As suas contribuições são importantes, mas não se pode estagnar a presença Tupi ou de qualquer outra etnia a uma única área. Herckmans levou em consideração, a princípio, a falta de ocupação colonizadora na região interior, resultando em pouco entendimento da real situação habitacional dos sertões paraibanos e a concentração colonial litorânea. Grande parte dos registros históricos sucessivos, que explicam sobre os povos indígenas têm como fontes mais antigas os estudos de europeus que por vezes não contemplam de maneira correta esses povos ditos sem história segundo os padrões colonizadores.

Todavia, novas escavações arqueológicas têm comprovado de maneira preliminar que esse contexto de habitação pretérita não condiz totalmente com a realidade empregada durante tempos. Novos vieses estão sendo traçados principalmente com base em análises de artefatos que trazem em sua composição atributos decorativos da tradição Tupi - Tupiguarani. É notável, que a questão abordada esteja buscando entender as ocupações e mais ainda por quais vias ocorreu à presença Tupi em regiões até então incomuns.

A leitura historiográfica com base em artefatos arqueológicos, especialmente a cerâmica Tupi, além de possibilitar identificar a presença desses povos através dos sítios arqueológicos como marcadores ocupacionais, permite classificações étnicas, uma leitura de seus comportamentos e costumes, possibilitando produções acadêmicas mais próximas da realidade e sobre o meio em que habitavam. Ademais, isso ressalta a relevância da arqueologia para um resgate historiográfico mais profundo. O objetivo principal desta pesquisa, realizada no LABAP – UEPB (Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB) executada a partir das atividades do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq), é tomar como objeto de análise o material do sítio arqueológico Moconha, município de Serra Grande, estado da Paraíba, a fim de relacionar de maneira preliminar o material cerâmico a partir da leitura comparativa da decoração, fabricação e formato, com outras cerâmicas comprovadamente Tupi de diversas regiões do Brasil, e assim comprovar que o referido sítio pode corresponder à mesma etnia levantando e consolidando a tese de ocupação Tupi no Alto Sertão paraibano.



Ademais, apresentar, identificar a morfologia, tipologias e marcas de possíveis enfermidades em ossos humanos retirados de uma urna funerária do mesmo sítio. Dessa forma, alcançar resultados históricos – arqueológicos gerando dados individuais para cada osso humano. Sobre a cerâmica o acervo é composto por aproximadamente 800 peças, dentre vasilhames, urnas e fragmentos. Da metodologia aplicada em laboratório, como 1ª etapa, as cerâmicas foram selecionadas por peça ou grupos, considerando a possível presença de decoração pintada em mais de um fragmento com o mesmo tipo de motivo e acabamento alisado. Na 2ª etapa, existindo a necessidade de evidenciar a pintura, foi realizada a higienização mecânica com pincel para a retirada total ou parcial do sedimento e sua coleta, na busca de alguma decoração pintada da borda ao bojo internos, considerando que nessa região da cerâmica Tupi é mais recorrente encontrar pinturas e na parte externa. Dando continuidade, a 3ª etapa consistiu em realizar fotografias das decorações, muito importantes para visualizar melhor cada elemento utilizando edições por aplicativo para realçar e evidenciar elementos aparentemente imperceptíveis e de diversos ângulos com auxílio de lupa *ring light* e câmera acoplada ao microscópio trinocular.

Com a obtenção das imagens, na 4ª etapa foram feitas descrições individuais classificando cada tipo de traço e figuras representadas na pintura, seguida da busca em dissertações e principalmente no catálogo do UFMG - IPHAN, disponibilizado uma cópia via gmail por wetransfer intitulado *Catálogo de pinturas em cerâmica tupiguarani* (PROUS, et al. 2016) por cerâmicas que tivessem alguma compatibilidade decorativa e estrutural para consolidar o material do sítio Moconha enquanto dentro da tradição cerâmica Tupi. Inúmeras teses foram essenciais para fundamentar a pesquisa. Para materiais completos, além de todas essas etapas com decoração, a função desse material pôde ser determinada pela estrutura.

Na 5ª etapa, a coleta de dados estrutura, encaixe de fragmentos, peso e medidas de todas cerâmicas fragmentadas ou não. Essa etapa compõe a análise, a fim de saber principalmente se as cerâmicas se encaixam no contexto fúnebre, serviam para o meio comum ou ritualístico, destacando que vasilhas de matéria prima grosseira poderiam servir para atividades recorrentes, enquanto as decoradas estariam mais reservadas para momentos especiais, o que não é uma regra.

Na 6ª etapa foi reservada para a microscopia para identificar resina, obter mais detalhes da pintura e a qualidade da pasta (argila). Com auxílio de um alicate foi retirada uma mínima

amostra de algumas cerâmicas, trituradas (ou não) em um pilão, passadas na peneira e observadas em microscópio. As amostras foram colocadas em lâmina e obtendo imagens com câmera acoplada ao microscópio e o programa OBS Studio, servindo para determinar parcialmente o grau de friabilidade e a presença de minerais na mistura, e separar peças para possíveis datações por TL (Termoluminescência). Parte dos fragmentos foi tombada e disponibilizada para esse processo ao LEARQ – UFPE (Laboratório de Estudos Arqueométricos).

A obra *Cerâmica Guarani* (LA SALVIA & BROCHADO, 1989) e sua ficha analítica foram os elementos bibliográficos mais importantes e a base de todas as análises de cerâmica. A obra apresenta cada elemento a ser considerado para caracterizar o material cerâmico de acordo com a tradição guarani. Se tratando da arqueologia, esta é mais efetiva para a questão, especialmente através do viés cerâmico, cujo destaque vai para a leitura das decorações dentro de "(...) uma tradição cultural caracterizada principalmente por cerâmica policrômica (vermelho e ou preto sobre engôbo branco e ou vermelho), corrugada e escovada, por enterramentos secundários em urnas (...)" (Willey & Phillips (1958:22), apud NOELLI, 1994, p. 116), contexto esse que resume os achados do sítio Moconha.

A dispersão involuntária desses povos está muito relacionada à busca por recursos e a questão colonizadora. Já a distribuição desses povos seria ampla ou especificamente da região do norte vindos do sul. Do ponto inicial de dispersão alcançariam o litoral e o atual Nordeste (IBIDEM, 1994, p. 117 – 118). Evidentemente a distribuição não teria ocorrido somente devido às intervenções colonizadoras. As pesquisas a seguir agregam partes das informações do primeiro artigo produzido sobre os seguintes materiais, intitulado: *Análise das cerâmicas do Sítio Arqueológico Moconha e a possível presença Tupi no interior da Paraíba* (SILVA et al, 2022).

Todo o trabalho está disposto em mais de 30 relatórios que visam trazer noções históricas e arqueológicas, voltadas para a presença de indivíduos Tupi no interior paraibano, conectada a outros grupos indígenas com base na abordagem e análises macroscópicas de cerâmicas, executadas em laboratório, se valendo da comparação dos motivos plásticos e pintados nas cerâmicas indígenas, oriundas do sítio arqueológico Moconha, município de Serra Grande, próxima ao estado do Ceará, no estado da Paraíba. Sendo assim, foram feitos agrupamentos de informações com base em dados coletados, para então interligar as distintas representações contidas, trazendo colocações parciais, dividindo e explorando as características

gerais e específicas de cada motivo. Vale aqui salientar que menos de 10% dos fragmentos de cerâmica do sítio Moconha foram analisadas. Até o momento, da mesma forma que apenas cerca de 5% dos fragmentos ósseos humanos receberam algum tipo de análise preliminar.

Todas as peças de cerâmica seguiram o processo de higienização mediante uso de pincéis, com exceção de algumas delas que já apresentavam pinturas, ou não podiam ser higienizadas para melhor preservação, em seguida, as peças foram medidas, fotografadas e as fotos foram editadas para consequentemente realçar a coloração e os motivos desenhados à mão. Priorizando fragmentos com composição parecida aos do sítio arqueológico Moconha e assim classificamos os motivos pintados e plásticos a partir da utilização de textos, livros e artigos relacionados, com ênfase no que foi estabelecido na ficha analítica de motivos na pintura, presente no livro já citado *Cerâmica Guarani* (LA SALVIA & BROCHADO, 1989), a fim de observar o tipo, geometria, localização, aplicação, cores e equivalências com cerâmicas de outros sítios arqueológicos do Brasil. Para comparar também foram utilizadas diversas teses contendo imagens e análises de cerâmicas, dentre as principais, a pesquisa intitulada *Motivos gráficos dos vestígios cerâmicos do Sítio Cachoeirinha I, Piauí* (LOPES, et al. 2018), *Estudos sobre Caracterização, Classificação da Decoração da Cerâmica Arqueológica Pintada* (SILVA, OLIVEIRA, 2019) e *A paisagem cultural do Sítio Arqueológico Piracanjuba, Piraju SP* (DAVES, 2016).

A identificação da geometria dos motivos teve como uma das principais bases *Os Ceramistas Tupiguarani. Volume II. Elementos Decorativos* (PROUS; LIMA, (org). 2010). A maioria dos motivos foi identificado na parte interna dos fragmentos parcialmente e quase totalmente conservados, e buscou-se começar a analisar geralmente da borda ao bojo, seguindo a partir dos padrões de decoração: vertical, horizontal e oblíquo. O principal objetivo da pesquisa é apresentar os resultados preliminares dos estudos dos fragmentos em cerâmica, no sentido da ocupação indígena Tupi na região do interior paraibano, tecendo assim estudos sucintos partindo da presença de pinturas, sua distribuição, formatos e cores.

Dessa forma, buscando as respectivas semelhanças com motivos presentes em outras vasilhas e fragmentos cerâmicos em outros sítios do Nordeste e do Brasil Todo o processo comparativo analisou diversas vasilhas e inúmeros fragmentos de cerâmica, sendo possível detectar em todos os materiais a presença de motivos pintados e plásticos, características marcantes dos Tupi.

## **2 O SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA, SERRA GRANDE - PB**

### **2.1 O município de Serra Grande, estado da Paraíba**

Com base nos dados disponibilizados pelo IBGE, o território onde hoje está localizado o município de Serra Grande, em 1768, era denominado Timbaúba em referência à árvore local.

Ademais, historicamente:

Em 1816, o Capitão Manoel Joaquim da Silva, o Alferes Venceslau Gomes da Silva e David Pereira, moradores do sertão de Piancó, afirmavam que, entre as serras Gameleiras, São José, São Gonçalo, Aguiar, Capim e Serra Grande, existiam terras devolutas compreendendo Lagoa Redonda ao Sítio Lages, cuja concessão da sesmaria com o território inicial de Serra Grande, foi feita por André Alves Pereira, Governador da Capitania da Paraíba (IBGE).

Desse modo, o ano de 1898 foi marcado pela presença de Tomé Ferreira, João Ferreira Lima e Pedro José dos Santos, a fim de ocupar a região e assim, “A instalação de uma feira-livre, que passou a ser frequentada por grande número de moradores da região, contribui para o desenvolvimento do provocadas” (IBGE). Atualmente, com base no último censo (2022) o município conta com uma população de 2.0942 habitantes.

### **2.2 O sítio arqueológico Moconha**

O sítio arqueológico Moconha corresponde a um cemitério indígena ou necrópole. Em duas campanhas de escavação realizadas em 2019 sob o comando do arqueólogo Juvandi de Souza Santos, foram coletados um grande número de material com mais de 800 exemplares contabilizados em laboratório dentre eles vasilhas, vasilhames, urnas funerárias inteiras e fragmentadas, artefatos, fragmentos de cerâmica e ossos humanos que, por sua vez, apresentam características gerais da tradição ceramista e fúnebre Tupi compondo um típico enxoval. Dessa forma, este sítio faz referência a presença Tupi no Alto Sertão paraibano, estando localizado no município de Serra Grande, mesorregião paraibana. A grande quantidade de cerâmicas de utilização cotidiana e fúnebre pode indicar que o espaço foi um aldeamento.

De acordo com o *Relatório das atividades de salvamento e análises arqueológicas do sítio Moconha e entorno, município de Serra Grande, Sertão da Paraíba* (2023) o sítio se caracteriza enquanto um:

(...) possível aldeamento encontra-se no alto do Planalto da Borborema, em sua parte mais a oeste da Paraíba. Trata-se de uma área que mede aproximadamente 80 metros de largura por cerca de 100 de comprimento. No entanto, não tivemos como demarcar a área total do sítio, tendo em vista a vegetação de catinga densa, com grande quantidade de folhas que cobre essa imensa área (...) (IBIDEM, p. 3).

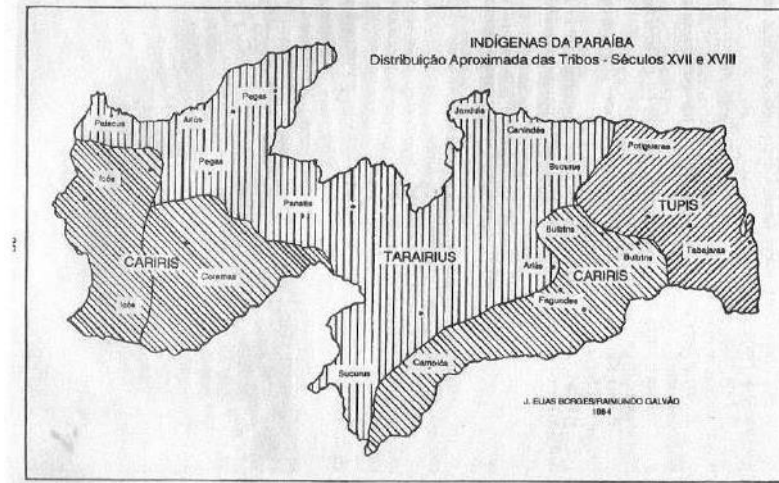
**Figura 1** – Área (parte) do sítio Moconha, completamente antropofizado pela retirada de argila (massame), Serra Grande, Paraíba.



**Crédito da imagem:** Juvandi de Souza Santos.

A leitura das características decorativas e de fabricação desses materiais é o que permite dizer se esse enxoval foi fabricado na região onde foi encontrado, pertence a povos Tupi e conseqüentemente pode ser comparado com outras peças da mesma tradição. Esse é apenas um dos muitos sítios arqueológicos que formulam a presença Tupi no interior paraibano, sendo assim o referido sítio faz parte de um conjunto de outros sítios localizados no interior paraibano, enquanto um vetor arqueológico e que permite um resgate historiográfico da ocupação pretérita confrontando o estabelecimento somente de povos Cariri e Tarairiú. A figura 2 apresenta justamente essa noção de distribuição desses povos de acordo com José Elias Borges (1993).

**Figura 2** - Indígenas da Paraíba - Distribuição aproximada das Tribos - Séculos XVII e XVIII.



BORGES, José Elias. Índios paraibanos: classificação preliminar. In: MELO, José Octavio de Arruda & RODRIGUEZ, Gonzaga. (org.). **Paraíba: conquista, patrimônio e povo**. João Pessoa: Edições GRAFSET, 1993, 21-38

**Fonte:** BORGES, 1993.

### 3 ANÁLISES DO MATERIAL CERÂMICO

#### 3.1 Vasilha e fragmentos com borda reforçada e decoração pintada

A presente pesquisa trabalha inicialmente com as decorações pintadas em cerâmica. Os primeiros materiais do sítio Moconha são compostos por cerâmicas com decoração pintada em elementos triangulares sobre engobo branco ou bege, que incluem uma vasilha, uma urna funerária e fragmentos. Tem como base a apresentação das análises presentes nos artigos *Análise das Cerâmicas do sítio arqueológico Moconha e a possível presença Tupi no interior da Paraíba* (SILVA, et al, 2022), *Análise das cerâmicas do sítio Moconha e a possível presença Tupi no interior da Paraíba (PARTE 2)* (CAVALCANTE, et al, 2022) e *Estudo do material cerâmico e ósseo do sítio arqueológico Moconha, Serra Grande - PB e sua provável relação com a tradição tupi* (IDEM, 2023).

A obra *Cerâmica Guarani* (LA SALVIA & BROCHADO, 1989) é a principal referência de toda a pesquisa, objetivando identificar a presença de pinturas e suas respectivas semelhanças em vasilhas e fragmentos de cerâmica indígena em referência aos povos Tupi. A partir do trabalho de higienização executado em laboratório, foi possível detectar a presença das referidas pinturas, bem como, tecer breves comparações em um estudo comparativo com uma peça do sítio Tambor, Cuité - PB, duas cerâmicas do sítio PE 0508 LA/UFPE, Aliança e o sítio Mata da Figueira (código do sítio 169), e Cândido Mota - São Paulo – SP.

O motivo decorativo triangular aparece de forma predominante nas cerâmicas, sendo entendido enquanto um padrão decorativo do sítio. Sobre a 1ª peça (Figura 3), a vasilha tem 113 cm de circunferência e profundidade de 13cm, no campo interno abaixo da borda da vasilha é possível identificar uma sequência de três linhas na cor preta em posição horizontal divididas por pequenas linhas de cerca de 1cm (SILVA et al, 2022, p. 5). A seguir, aproximadamente, seis linhas horizontais paralelamente distribuídas, nas cores vermelha e preta. É importante destacar que essa mesma sequência está presente em grande parte das cerâmicas do sítio Moconha. Em seu bojo e base internos encontram-se diversos triângulos distribuídos paralelamente em diferentes tamanho, conectados por linhas finíssimas circulares. A parte exterior abriga pequenos pontos pretos. É considerado que a presença de decoração e um bom acabamento atribui ao material uma função restrita do cotidiano, ou seja, cerimonial e neste caso fúnebre.

**Figura 3 -** Vasilha com decoração pintada.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 4 –** Decoração interna.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

No que concerne à peça seguinte do sítio Moconha (Figura 5), se trata de um fragmento de vasilha aberta com a mesma sequência de linhas vermelhas abaixo da borda, pintura central em linhas finas na cor vermelha, com resquícios de cobertura na cor preta em formato espiralado e triângulos.



**Figura 5** - Sítio Moconha – Serra Grande



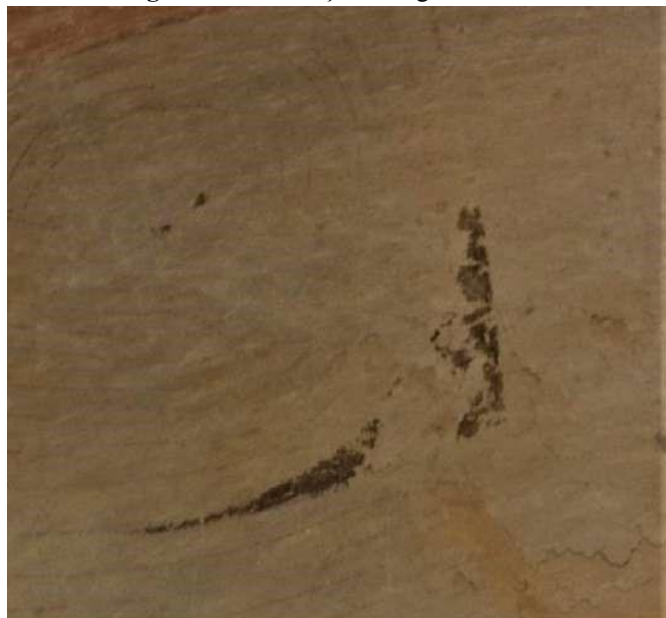
**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 6** – Detalhes internos do 2º fragmento.



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 7** – Decoração triangular interna.



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

Todas essas cerâmicas do sítio Moconha, apresentam correspondências com mesmos elementos de geometria, cor e decorativo internos de três cerâmicas dos sítios PE 0508 LA/UFPE, Aliança (Figura 8 e 9) e Mata da Figueira (código do sítio 169), Cândido Mota São Paulo – SP encontradas com base na pesquisa efetuada no *Catálogo de pinturas em cerâmica tupiguarani* (PROUS, et al, 2016) e a cerâmica do sítio arqueológico Tupi, Tambor, Cuité, Paraíba com a sequência de linhas vermelhas paralelas localizada abaixo da borda. (Figura 10).

**Figura 8** - Sítio PE 0508 LA/UFPE, Aliança.

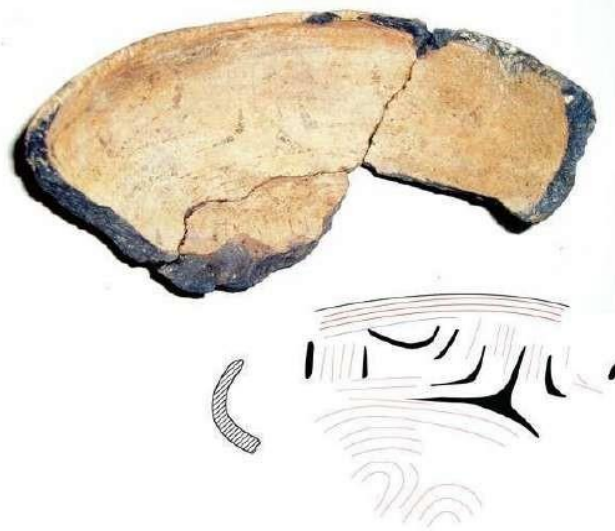


Foto e croqui: André Prous  
Digitalizado por: Mara Chaves

**Fonte:** PROUS, et al. Catálogo de pinturas em cerâmica tupiguarani. Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

**Figura 9** - Mata da Figueira (código do sítio 169), Cândido Mota - São Paulo – SP.



**Fonte:** PROUS, et al. Catálogo de pinturas em cerâmica tupiguarani. Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

**Figura 10** - Cerâmica do sítio Tambor, Cuité - PB.



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 11** - Sítio PE 0508, LA/UFPE, Aliança, Pernambuco.

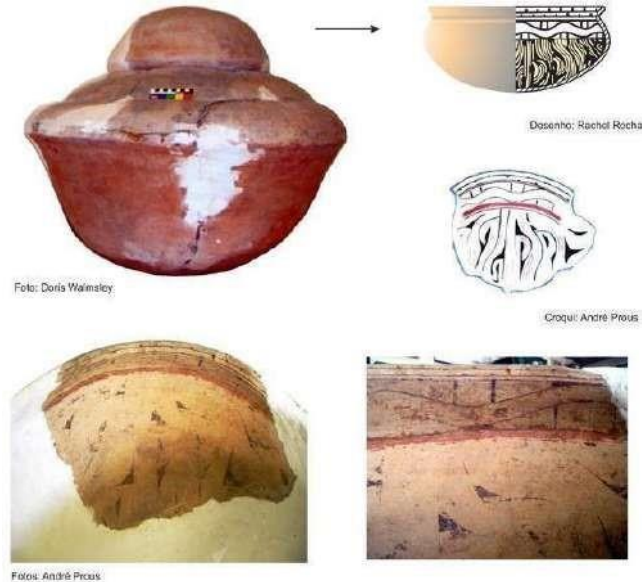


**Fonte:** PROUS, et al. Catálogo de pinturas em cerâmica tupiguarani. Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

O próximo comparativo vai tratar das mesmas peças analisadas do sítio Moconha, destacado o elemento triangular e as linhas finíssimas, com base em sítios arqueológicos do estado da Paraíba e outras regiões do Nordeste e Brasil, onde selecionou – se cerâmicas dos sítios Boa Vista, Serra Grande – PB, sítio PB 0001 LA – UFPE, localizado no Pico do Jabre, Serra do Teixeira, Sítio PE 016 – Recife e PE 496 – Joaquim Nabuco. O sítio PB 0001 está a aproximadamente 190 km de distância de Serra Grande local de procedência do material aqui analisado e apresenta uma urna funerária (Figura 12) possivelmente com material ósseo e uma

vasilha utilizada com tampa com decoração pintada interna (MONTEIRO, J. C., 1910; MARTIN, G. 1996; ALBUQUERQUE, M.2008).

**Figura 12** - Sítio PB 0001 LA/UFPE, Pico do Jabre, Serra do Teixeira, Paraíba.



**Fonte:** PROUS, et al. Catálogo de pinturas em cerâmica tupiguarani. Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

Em relação aos aspectos desse material ele é classificado como sendo de um sítio dentro da tradição de pinturas Tupiguarani, apresentando inúmeros triângulos internos citados na decoração das cerâmicas do sítio Moconha, predominantes na presente urna do PB 0001 e são elementos comparativos fundamentais em relação aos sítios Moconha e Boa vista (Serra Grande – PB), já que seus materiais apresentam a mesma decoração localizada internamente e com as mesmas cores.

A cerâmica do sítio Boa Vista – PB (Figura 13) com 1,360 kg, 34x17,5cm e 1cm de espessura, contém começando por sua borda decoração em linhas pretas horizontais, abaixo uma faixa com o mesmo tipo de linha e em seu bojo o mesmo padrão decorativo em ganchos cercados por feixes de linhas vermelhas circulares sobre engobo bege ou branco padrões constantes ao sítio Moconha, com a parte externa coberta por sedimento vermelho.

**Figura 13** - Cerâmica do sítio Boa Vista – Serra Grande – PB.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

O fato das cerâmicas apresentarem pintura possibilita dizer que se trata de algo “(...) cerimonial e/ou funerária, de uso específico em celebrações coletivas e rituais mortuários” (SOLARI et al, 2022, p. 60). Das demais peças selecionadas do sítio Moconha, a primeira é um fragmento caracterizado por superfície interna e externa alisada sendo possível identificar a presença predominante de motivos triangulares e losangulares (Figura 14) sobre engobo bege ou branco, alguns deles em bom estado de conservação e outros vestígios de pintura. Dois fragmentos de cerâmica e a vasilha, já descritos contando com cor vermelha, além de motivos triangulares com 3 a 5 cm de largura e comprimento, motivos lineares horizontais próximos a borda e na parte externa linhas centrais do bojo a base com 1mm a 3mm de espessura.

**Figura 14** - Cerâmica do sítio Moconha, Serra Grande – PB.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 15** - Motivos losangulares externos em cima borda da primeira cerâmica.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 16** - Cerâmica do sítio Moconha, Serra Grande – PB.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

As decorações foram realizadas com pincéis, ou seja, objetos da natureza que exercem esse trabalho. A segunda peça (Figura 14) apresenta triângulos pretos do lado de fora e cor marrom no campo exterior, além de vermelho na borda e linhas vermelhas que são utilizadas para marcar uma área da outra.

A respeito da decoração o campo de fora da segunda cerâmica (Figura 14) em sua borda abrigam losangos entreabertos, compondo uma espécie de cordão decorativo equivalente ao Sítio PE 496 – Joaquim Nabuco (Figura 17), considerando que “(...) podem ser desenhados individualmente – sejam eles alinhados na horizontal, ou encaixados na vertical” (PROUS, 2010, p. 142).

**Figura 17** - Sítio PE 496 – Joaquim Nabuco.



**Fonte:** COSTA, 2018.

Dentro do gênero Tupiguarani que “(...) utilizavam, sobretudo, linhas onduladas ou retas. As primeiras costumam formar feixes paralelos, nos quais estão agrupados aos pares (que denominamos “fitas”), materializados por “elementos de reforço”, que são pontos, traços ou triângulos” (PROUS, 2009, p. 13). Nesse contexto, temos os triângulos já citados que podem representar “bicos de pato” ou borboletas, justo porque “Os motivos seriam representações de entidades, animais ou vegetais (...)” (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p. 95). Essa geometria é comum internamente em cerâmicas da região Nordeste.

**Figura 18** - Decoração triangular.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 19** - Decoração triangular.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

Um ponto relevante é o fato de que cinco das cerâmicas do sítio Moconha até aqui trabalhadas elencam como características geométricas e suas respectivas localizações, além da forma triangular acompanham de linhas vermelhas nas mesmas cores, além de compartilhar os demais aspectos citados, o que demonstra ser um padrão do sítio Moconha, Serra Grande – PB. As linhas vermelhas encontradas ao centro das duas cerâmicas e das demais, podem ser classificadas enquanto volutas, curvilíneas, laços ou até mistilíneas que fazem sentido com uma cerâmica do Alto Uruguai apresentada em *Cerâmica Guarani* (LA SALVIA & BROCHADO, 1989) (Figura 21).

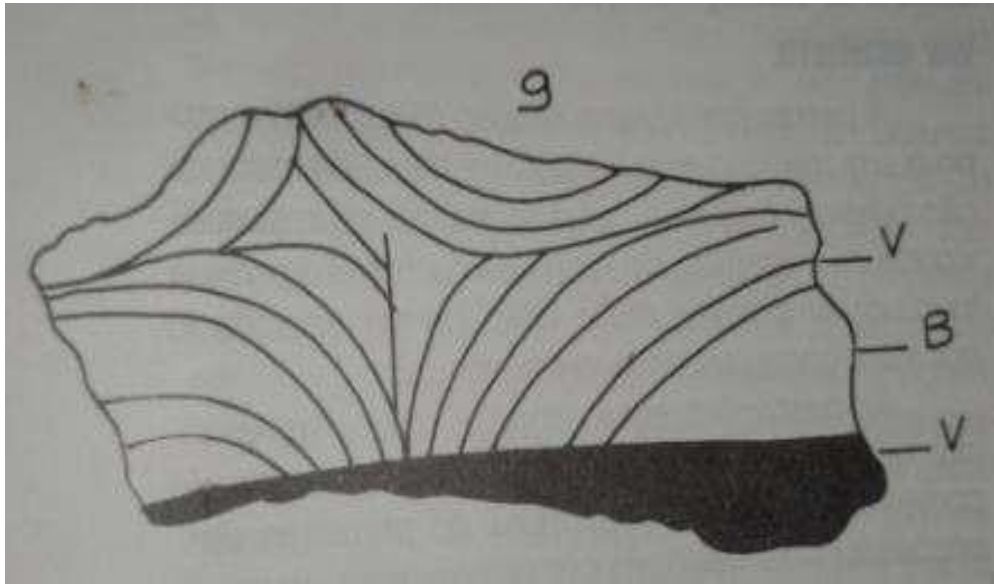
**Figura 20** - Cerâmica do sítio Moconha.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.



**Figura 21** - Mistilínea contínua dupla (...) Pintura externa, vermelho sobre branco. Área do alto Uruguai, subárea de Machadinho.



**Fonte:** LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p. 105.

Todas as peças contam com grandes detalhes e tem pouca incidência de uso caseiro, não apresentam fuligem, exceto a segunda de forma interna, o que faz pensar que podem ter sido utilizadas para colocar líquidos, ou alimentos que causam pouco desgaste em ocasiões fúnebres a depender da dimensão da bacia que no caso da primeira cerâmica demonstra ter pertencido a uma vasilha grande e aberta.

As próximas cerâmicas analisadas ao todo estão dispostas em 4 peças, onde foram encontradas pinturas em bom estado de conservação que ocupam toda a extensão interna e externa da peça desde a borda, centro e base, sendo que todas possuem encaixe e pinturas semelhantes o que possivelmente indica pertencerem a uma mesma vasilha e compactam com decoração descrita na análise anterior.

São quatro fragmentos com boa queima, presença de resina, borda reforçada e que se encaixam indicando pertencerem a um vasilhame aberto. Aparentemente as cerâmicas não apresentavam nenhuma evidência de decoração, então foi necessário uma higienização pincelar mais intensa para constatar as pinturas. O campo externo apresenta coloração amarronzada, contendo somente uma linha preta e vertical (Figura 22) centralizada no topo da borda com “(...) a variante de 20 a 28 cm de comprimento, traçada em cima de uma camada de pintura na cor vermelha que se estende para a parte exterior, neste caso alterando-se para a tonalidade marrom com resquícios de preto (...)” (CAVALCANTE, et al, 2022, p. 17).

**Figura 22** - Linha em cima da borda.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

Ademais, traz a mesma sequência de linhas paralelas horizontais vermelhas, seguida por linhas finíssimas da mesma cor, figuras triangulares e retangulares de cor preta ao centro. Os dois fragmentos maiores, são caracterizados da mesma forma com borda reforçada e a decoração já descrita acima e boa queima.

Antes da higienização havia grande quantidade de linhas irregulares como se fossem rachaduras que da mesma forma que as cerâmicas anteriores foram gradativamente saindo após a limpeza restando alguns vestígios na região superior.

Na parte de dentro das 4 peças encontra-se da mesma forma que a maioria das peças analisadas e comparadas: 6 linhas de espessura fina também dentro da medida de 20 a 28 cm de comprimento paralelamente distribuídas, sendo 3 na cor vermelha limitadas por 2 na cor preta localizadas abaixo da borda em direção horizontal, levando-se em consideração que todas as peças até o momento estudadas contam predominantemente com a coloração vermelha e preta.

Em consequente, a primeira cerâmica (Figura 22) existem mais pinturas por se tratar de uma peça maior, sendo possível visualizá-las com mais clareza. As características citadas ao início são compreendidas do mesmo modo nessa seguinte peça e nas demais, salvo alguns detalhes. Junto às linhas vermelhas existe maior quantidade de cobertura preta preenchendo-as criando retângulos inclinados e interligados direcionados para a vertical. A segunda peça (Figura 23) em seu centro da parte interna, abriga motivos retilíneos triangulares, começando com a distribuição de triângulos voltados para cima e para baixo que originam losangos através

de linhas vermelhas pouco visíveis em alguns pontos classificadas como “muito finas” que se entrelaçam dando continuidade umas às outras originando sucessivas sequências oblíquas e dispersas para cima e para baixo a direita e esquerda, ademais, há indícios de cobertura preta em quatro pontos da cerâmica preenchendo as linhas vermelhas com traços classificados por espessos, tudo isso enfatizando que geralmente:

Os motivos triangulares têm seu interior preenchido – seja por triângulos menores concêntricos, seja por linhas paralelas a um dos lados; a direção das linhas alterna de um motivo triangular para seu vizinho [...] para formar losangos, ou que se encaixam dois a dois para preencher o espaço decorativo (PROUS, 2010, p. 141).

**Figura 23** - Cerâmica do Sítio Moconha, Serra Grande – PB.



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 24** - Cerâmica do sítio Moconha, Serra Grande – PB, (aprox.17x19cm).



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

A dispersão de linhas vermelhas na terceira cerâmica (Figura 24) está coberta igualmente pela cor preta em retângulos parcialmente abertos e interligados. Em última instância, o quarto fragmento cerâmico (Figura 24) diferente da primeira e igualmente as duas seguintes, tem predominância da cor preta em retângulos diagonais distribuídos para a esquerda sobre losangos e em linhas vermelhas compostas. A cerâmica a seguir (Figura 25) tem cerca de 219g, 15x8cm e 1cm de espessura, apresenta vestígios de resina, pintura pincelar preta na borda interna e pintura vermelha interna sobre engobo bege ou branco em uma sequência de linhas paralelas horizontais localizadas abaixo da borda de fabricação reforçada. O bojo interno é preenchido por linhas finíssimas. A queima é boa, caracterizada pela coloração clara interior.

**Figura 25** - :Fragmento de cerâmica com decoração pintada.



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

O segundo fragmento retirado da reserva técnica (Figura 26) (código SAM – SG – 0260) pesa cerca de 238g, mede 18x6cm, tem uma borda de 1cm de espessura e apresenta pasta escura derivada da queima ruim. A pintura é interna e pincelada, contém resquícios de resina, sua borda é coberta por uma faixa horizontal vermelha, abaixo existe uma sequência de três linhas pretas conectadas formando aberturas, seguidas de duas linhas vermelhas paralelas e horizontais.

**Figura 26** - Fragmento de cerâmica.



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

A segunda cerâmica contém o mesmo padrão decorativo localizado em duas vasilhas do sítio e está devidamente de acordo com a tradição tupi.

### 3.2 Fragmentos de cerâmica com pintura preta

A seguir as características gerais sobre um conjunto de oito cerâmicas do sítio arqueológico Moconha (Figura 28), descrevendo a decoração pintada. Nesse caso, o estudo seguinte aborda cerâmicas com decoração pintada sobre engobo bege. As cores identificadas são preto e vermelho e decoração padronizada. A partir da limpeza pincelar a decoração foi evidenciada e das cores:

O preto e o marrom escuro o têm uso equivalente, sendo todos os desenhos de pontos feitos com estas cores, cujo conceito corresponde a “muito escuras”. O vermelho e o preto (principalmente n o litoral central, nordeste e centro-oeste) foram utilizados para traçar as linhas. Exclusivamente o vermelho forte (...) foi utilizado para pintar o lábio das vasilhas e as bandas que ressaltam as inflexões das paredes e das bordas reforçadas (PROUS, 2009, p. 12, apud CAVALCANTE, et al, 2023, p. 5).

Dos oito fragmentos cinco são partes da borda. A cerâmica maior apresenta linhas vermelhas ao centro.

**Figura 27** - Lateral escura de uma das cerâmicas.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

Nas duas cerâmicas que se encaixam, foi possível verificar que existem seis linhas de traço fino posicionadas próximas à borda, onde três dessas linhas são nas cores vermelhas, ancoradas por duas linhas pretas em sentido horizontal, sendo essa uma característica que geralmente se apresenta destacando e marcando a borda do bojo.

Além disso, em menor quantidade, encontram-se quatro linhas, dessas, duas na cor vermelha também ancoradas por duas linhas pretas em sentido reto horizontal presentes no fragmento maior (Figura 28). Juntamente a isso, em todos os fragmentos foram identificados retângulos verticais e horizontais de curta dimensão presentes no bojo internos das peças em cor preta sobre engobo branco ou bege a partir de um padrão geométrico mais aleatório que vai da horizontal para vertical e diagonal.

Essas pinturas se apresentam traços dispostos tanto na vertical quanto na horizontal, a presença de faixas ou linhas vermelhas e as cores com as dos fragmentos. Ademais, foram verificados riscos irregulares aleatórios que aparecerem “rachaduras” com coloração preta esverdeada, mas à medida que foram higienizados ficaram mais sutis indicando que podem ser fruto da ação do tempo ou ainda outro tipo de pintura em conseguinte.

**Figura 28** - Fragmentos retirados do Sítio Moconha, Serra Grande – PB.



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 29** - Detalhe do fragmento do sítio Moconha, Serra Grande – PB.



Créditos da imagem: Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 30** - Baixio do Lopes – bordas com pintura.



**Fonte:** Ensaio sobre os trabalhos arqueológicos em Brejo Santo. A Munganga Promoção Cultural. 7 de maio de 2020.

A análise possibilitou encontrar correspondências na geometria, cores e distribuição dos motivos em relação às demais cerâmicas do sítio Moconha, principalmente com a cerâmica do Baixio do Lopes, Brejo Santo, estado do Ceará (Figura 30) no que diz respeito ao modo fabril, localização, traços, cores, geometria e espessura que são semelhantes aos motivos em cor preta das oito cerâmicas analisadas. Primeiramente o padrão de banda interior com linhas paralelas horizontais abaixo da borda comumente encontrado nas cerâmicas Tupi. O bojo interno abriga motivos em arranjo quadrangular ou retangular na vertical, horizontal e oblíquos. O próximo



conjunto é formado por doze fragmentos com partes da borda apresentando a análise do fragmento de cerâmica Tupi do sítio arqueológico Moconha. Foram identificados dois tipos de pintura pincelar em caráter conservado sobre engobo branco ou bege e a partir disso o procedimento de higienização foi iniciado, mas foi interrompido para evitar deteriorar a pintura. A cerâmica mede aproximadamente 8x6cm correspondendo a uma peça da borda e bojo de uma vasilha, com as pinturas distribuídas na parte interna e externa. As cores constantemente identificadas são vermelho, marrom ou preto. Os motivos horizontais medem de 6 a 7 cm de comprimento, os motivos oblíquos medem de 3 a 4 cm e todas as linhas são de traço fino/médio (Figura 31).

**Figura 31** - Cerâmicas do sítio Moconha, Serra Grande – PB.



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

Na parte superior dos fragmentos da borda na 1ª fileira existem motivos internos, existem linhas que delimitam um motivo do outro. Acima (Figura 32) se encontram 2 pares de linhas cruzadas oblíquas formando ampulhetas e imprimindo-se na mesma posição na parte de trás cerradas por duas linhas verticais, exceto por uma sutil diferença na largura do motivo oblíquo. Prosseguindo, abaixo na parte interna estão dispostas seis linhas paralelas alinhadas em direção horizontal (Figura 31), sendo quatro na cor vermelha limitadas por duas na cor marrom, características constantes nos demais materiais do sítio. Externamente o engobo está

deteriorado deixando transparecer uma coloração preta (Figura 35) possivelmente proveniente da confecção da cerâmica.

**Figura 32** - Material cerâmico, sítio Moconha, Serra Grande – PB.



**Créditos das imagens:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 33** - Motivo 3 - sucessão de linhas horizontais paralelas (fragmento PECG-03-19762-3).



**Fonte:** LOPES, et al, 2018, p. 108.

O comparativo foi feito com base no artigo *Motivos gráficos dos vestígios cerâmicos do Sítio Cachoeirinha I, Piauí* (LOPES, et al, 2018), a partir dos materiais analisados em referência aos elementos Tupiguarani, provenientes da Chapada do Araripe que trouxe correspondências importantes com respeito às cores, geometria e localização dos motivos. A primeira cerâmica comparada (Figura 33) apresenta motivo formado por uma sucessão de linhas horizontais

paralelas (...), (IBIDEM, 2018, p.107), desse modo traz semelhanças geométricas e de cores com a cerâmica do Sítio Moconha.

A seguir 15 fragmentos cerâmicos do Sítio tupi Moconha, conforme as colocações elencadas em *A Pintura na Cerâmica Tupiguarani* (PROUS, 2010), que traz questões relevantes sobre a análise de cerâmicas publicada na 2ª edição de *Os Ceramistas Tupiguarani Volume II – Elementos Decorativos* (PROUS; LIMA, (org.) 2010).

A análise identificou em ambos os fragmentos dois tipos de pintura pincelar em ótima conservação sobre engobo branco ou bege e o processo de higienização foi parcial levando em conta os motivos estarem bem aparentes e também para não prejudicá-los. Dois dos fragmentos se encaixam e indicam prover do bojo ou base de alguma vasilha, contendo motivos internos complexos distribuídos por toda a peça. As cores presentes são constantes nas cerâmicas do sítio trabalhado e nesse caso, contam com o predomínio de vermelho seguido da cor preta.

**Figura 34** - Fragmentos do sítio Moconha.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

As linhas na cor preta da face interna são de traço fino de 2 mm, formando arcos ligados verticais e oblíquos preenchidos por coloração vermelha. Tudo isso se encontra distribuído em três “arcos” no primeiro fragmento e dez no segundo e entre alguns dos arcos existem dois ou três pares de linhas verticais e horizontais também da cor preta, considerando que “O marrom

muito escuro e o preto foram utilizados em muitas vasilhas para delinear os motivos pintados” (PROUS, 2010, p.127).

**Figura 35** - Fragmentos do sítio Moconha.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

A respeito da face externa de ambas cerâmicas apresentam-se evidências de engobo escuro de forma parecida às cerâmicas analisadas na pesquisa *A cerâmica arqueológica na terra indígena Kaiabi* (Figura 35) (GASPAR, 2014, p. 75).

**Figura 36** - Fragmentos do sítio MC de base, com banho, depósito de carbono, incisos na face interna, banho e fuligem.



**Fonte:** GASPAR, 2014.

As cerâmicas na face interna compilam uma geometria com motivos classificados em tabela por Prous como “Motivos complexos e mistos” na categoria “semilunar e espelhada” que por sua vez:

(...) apresentam uma figura em forma de crescente na extremidade de uma haste (o resultado parece um machado semilunar, cf. nº C. 603, 604), ou então duas crescentes dispostas em simetria espelhada, em cada extremidade de uma mesma “haste” (nº 37). (PROUS, 2010, pp. 140-145).

Outra comparação citada para esses motivos apresentados é justamente a de machados pré-históricos que consistem no mesmo formato meia lua.

### **3.3 Fragmentos com decoração plástica, fuligem decoração plástica e escovada**

O texto a seguir traz algumas informações acerca de 10 fragmentos de cerâmica do sítio arqueológico Moconha, a respeito da cor, comprimento, espessura e semelhanças às cerâmicas de sítios arqueológicos. No geral, as cerâmicas se encontram bem conservadas e elencam o mesmo estilo de coloração, se sobressaindo à presença de fuligem na parte interna e externa, além de alguns resquícios de cor vermelha interna. Em certos fragmentos foi possível observar a presença de coloração marrom, engobo vermelho ou rosa interno e fuligem externa. Os materiais foram separados conforme o decurso da higienização e pôde-se notar que a referida fuligem estava saindo das peças durante essa etapa feita apenas com a utilização de pincéis.

Das dimensões dos fragmentos primeira cerâmica mede 23x18cm, espessura de 1cm e borda 13x3cm, conta com tonalidade avermelhada próxima a borda parte interna e fuligem interna e externa do bojo a base. A cerâmica dois mede 21x14cm e 1cm de espessura, conta com incisões aleatórias externas agregando as mesmas propriedades da primeira cerâmica. A cerâmica três segue o mesmo padrão medindo 21x12cm, 15x2cm de borda e 1cm de espessura. A cerâmica quatro com 11x8cm, borda 15x3cm e 1cm de espessura, diferente das anteriores por apresentar toda a parte interna completa por coloração avermelhada escura indicando ser engobo e fuligem interna. A cerâmica cinco conta com 11x8cm e 2cm de espessura com o interior escurecido. A cerâmica seis mede 11x9cm e 0,8cm de espessura e interior escurecido.

A cerâmica sete tem 13x7cm e 1cm de espessura. Em conseguinte, a cerâmica oito mede 9x5cm e 1cm de espessura e a cerâmica nove 7x3cm 0,5cm de espessura. A cerâmica dez mede 8,5x3cm e 0,5cm de espessura e a cerâmica onze 5x2,5cm e 1cm de espessura. A cerâmica doze

tem sutil coloração vermelha interna, mede 18x14cm e tem 1cm de espessura e a última cerâmica também tem coloração vermelha interna, 15x18cm, 4cm de borda reta vertical e 1cm de espessura.

**Figura 37** - Cerâmicas do sítio Moconha, Serra Grande – PB.



**Créditos das imagens:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 38** - Cerâmicas do sítio Moconha, Serra Grande – PB.



**Créditos das imagens:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 39** - Cerâmicas do sítio Moconha, Serra Grande – PB.



**Créditos das imagens:** Thamiros Silva Cavalcante.

**Figura 40** - Fragmentos do sítio MC de base, com banho, depósito de carbono, incisos na face interna, banho e fuligem. Fragmentos do sítio TT com fuligem, banho, polidor de sulco, engobo branco, polidor de sulco cruzado e fuligem.



**Fonte:** GASPAR, 2014, p. 84 e 133.

**Figura 41** - Acabamentos de superfície do Conjunto 3, sítio TT. a) banho; b) engobo vermelho; c) engobo branco; d) polidor de sulco. (Fotos: Ader Gotardo). Fragmentos do sítio MC de base, com banho, depósito de carbono, incisos na face interna, banho e fuligem.



**Fonte:** GASPAR, 2014, p. 75 e 125.

Em concordância com a tese *A cerâmica arqueológica na terra indígena Kaiabi (MG/PA)* às cerâmicas estudadas nesta tese, integram características que vão de encontro às cerâmicas do sítio Moconha. As cerâmicas comparadas trazem consigo como principal ponto a presença de fuligem, destacando também a segunda cerâmica e suas respectivas incisões externas, as quais podem ser atribuídas à utilização da vasilha nas funções simples do dia a dia: “vasilhas para cozinhar, para servir, para consumir, para transportar e armazenar líquidos, para rituais e outros” (GASPAR, 2014, p. 53, apud RICE, 1987; SILVA, 2000). Dessa forma, considerando que dos materiais comparados de um dos sítios o Mukuin Caniné, “Quanto ao uso, em 11 (2%) fragmentos foi encontrada fuligem, depósito de carbono e marcas de polidor de sulco (...)” IBIDEM, 2014, p.74.

Isso leva a entender que os fragmentos do sítio Moconha igualmente as cerâmicas da Terra Indígena Kaiabi (MT/PA) dos sítios Mukuin Caniné e Taitetu que remonta o pré-colonial, também contém materiais com predomínio relativo de queima, coloração vermelha e de utilização comum. Algumas cerâmicas do sítio arqueológico Moconha se assemelham ao formato e cores das cerâmicas do Sítio Taitetu com presença de engobo vermelho ou rosa. As demais cerâmicas trazem a fuligem da mesma forma que os fragmentos dos sítios já citados.

Outro aspecto relevante abordado acerca do sítio Cerâmica Preta, em Minas Gerais, e que fortalece a questão, é a coloração preta, por sua vez, identificada no interior de determinadas cerâmicas do sítio Moconha que apresentam mais marcas escuras, provenientes ou não da queima a depender da temperatura, de onde o fragmento analisado se localizava na vasilha para ser atingido, ter sua coloração transformada e assim se determinar o que de fato a causou (DELFORGE, 2017, p.101-109).

O próximo material trata-se de um fragmento de cerâmica Tupi do sítio arqueológico Moconha e foram identificados dois tipos de pintura pincelar em caráter conservado sobre engobo branco ou bege e, a partir disso, o procedimento de higienização foi iniciado, mas foi interrompido para evitar deteriorar a pintura. As cerâmicas medem aproximadamente 8x6 cm correspondendo a peças da borda e bojo de uma vasilha, com as pinturas distribuídas na parte interna e externa. As cores constantemente identificadas são vermelho, marrom ou preto. Os motivos horizontais medem de 6 a 7 cm de comprimento, os motivos oblíquos medem de 3 a 4 cm e todas as linhas são de traço fino/médio, à mesma geometria da anterior e corresponde aos motivos oblíquos.



(...) uso da impressão da unha sobre a parede previamente alisada, mas ainda moldável, para formar depressões características em alinhamentos horizontais ou verticais, (...) impressões, distribuição concentrada ou dispersa no corpo da vasilha, pode ser denominado simplesmente *Ungulado* (...) (SCHMITZ, 2010, p. 12).

Também é enfatizado sobre esse tipo de cerâmica que os “(...) usos conhecidos e/ ou sugeridos estão relacionados com preparo, consumo e conservação de alimentos e bebidas; (...)” (IBDEM, 2010, p. 8).

Com o comparativo a partir de *A cerâmica arqueológica na terra indígena Kaiabi (MG/PA)* com fuligem e engobo vermelho ou rosa. A decoração plástica, faz referência ao que destaca *Cerâmica Guarani* (LA SALVIA & BROCHADO, 1989) especificamente quanto ao tipo *ungulado* arrastado enquanto “(...) aquele em que o artesão ao produzir a unguiação arrasta uma parte da argila aumentando a expressão decorativa e aumentando a argila no sentido contrário”, (IBIDEM, 1989, p. 5, apud CAVALCANTE, 2022, p. 15 ).

**Figura 42** - Cerâmicas com decoração plástica na borda.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 43 - Cerâmicas com decoração plástica na borda.**



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 44 - Cerâmica com decoração plástica na borda.**



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 45 - Borda com decoração plástica.**



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 46** - Fragmentos do sítio TT com fuligem, banho, polidor de sulco, engobo branco, polidor de sulco cruzado e fuligem.



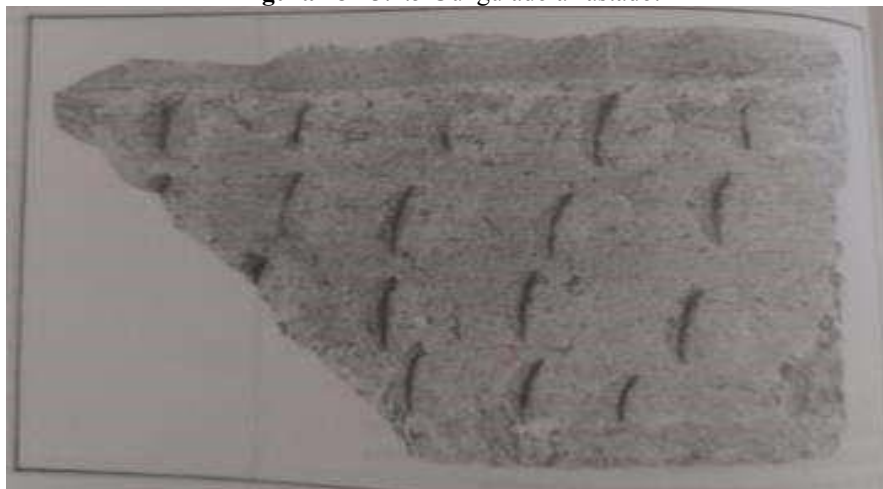
Fonte: GASPAR, 2014, p. 84).

**Figura 47** - Acabamentos de superfície do Conjunto 3, sítio TT. a) banho; b) engobo vermelho; c) engobo branco; d) polidor de sulco (Fotos: Ader Gotardo).



Fonte: Gaspar (2014, p. 84)

**Figura 48** - 3.1.5 Ungulado arrastado.



Fonte: LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p. 54.

Em predominância, as cerâmicas do gênero Tupiguarani são vinculadas a ações do cotidiano. Considera-se, para tal colocação, o fator tamanho e cores com a presença de engobo geralmente interno e decoração plástica dessas cerâmicas, que no caso das cerâmicas do sítio Moconha, demonstram terem feito parte de uma vasilha ou pote de grande porte ao destacar o tamanho das bordas e as demais concordâncias com as colocações feitas. O presente texto elenca informações parciais sobre três fragmentos de cerâmica do sítio arqueológico Moconha, fazendo referência a coloração, dimensões geométricas e semelhanças às cerâmicas de sítios arqueológicos do Brasil. As características gerais estão em bom estado, seguindo um padrão de cor com destaque para a decoração plástica com incisões unguladas anteriormente encontradas em outras cerâmicas analisadas e corrugadas externas.

As peças foram escolhidas e duas delas passaram pelo processo de higienização parcial com pincel, apresentam pouca ou nenhuma presença de fuligem, mas trazem marcas internas e externas que indicam que fizeram parte de vasilhas de uso comum. As coletas de sedimentos apresentaram boa quantidade de raízes, deixando marcas de cor branca na parte interna. A primeira cerâmica contém 33 incisões verticais em cima da borda (Figura 49) medindo 1 cm cada, a borda imita um telhado com 27x8 cm, 1 cm de espessura, superfícies alisadas, sua pasta contém micro fragmentos cintilantes, tonalidade interna marrom avermelhado comum em cerâmicas para fins mais simples, considerando essa enquanto uma “combinação de destaque, “(...) o uso de engobe vermelho e tinta vermelho escuro, quase marrom; (...)” (PANACHUK, 2017, p.134).

Ademais, apresenta motivos em linhas muito finas e irregulares por toda a parte interna e também externa que remetem a raios ou rachaduras na cor preta. Há indícios de uso comum como, por exemplo, próximo à base ser mais escuro, rachaduras e arranhões indicando que foi levada ao fogo. A segunda cerâmica parcialmente limpa, agrega 28 incisões verticais de 1cm, coloração marrom interna e alaranjada externa, corrugado horizontal externo classificado como “grosseiro”, motivos pintados irregulares e leves marcas de queima da mesma maneira que a cerâmica anterior. Borda mais arredondada em relação à cerâmica como um todo medindo 22,5 cm e no total 25,5x17,5 cm e espessura de 1 cm. A última cerâmica mede 15,5 x 9 cm, contém as cores citadas nas demais, 16 incisões em cima da borda com 1 cm, sem marcas de fuligem, contém arranhões e corrugado externo. Diante disso, deve-se considerar que:

Todo o vasilhame da tradição Tupiguarani costuma ser produzido por sobreposição de roletes de argila temperada com elementos minerais. A face interna da vasilha é alisada, podendo receber posteriormente banho, ou engobe, ou pintura sobre engobe (SCHMITZ, 2010, p. 9).

**Figura 49** - Cerâmica com motivo plástico presente na borda.



**Crédito das imagens:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 50** - Cerâmicas com escovação externa.



**Crédito das imagens:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 51** - Cerâmica com escovação externa.



**Crédito das imagens:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 52** - Cerâmicas com escovação externa.



**Crédito das imagens:** Thamires Silva Cavalcante.

De acordo com *Os Gestos na decoração plástica de vasilhas Tupiguarani em Minas Gerais In: Os Ceramistas Tupiguarani Volume II – Elementos Decorativos* (PROUS; ANDRADE, (org.), 2010) tratando-se do sítio Florestal II, dentro da perspectiva da decoração seja ela plástica ou pintada é que se pode determinar uma cerâmica enquanto tupiguarani e das cerâmicas do Sítio Moconha, as decorações plásticas presentes indicam ser do tipo ungulado que seria justamente:

(...) feita pela pressão da unha sobre a argila úmida. No entanto, os arqueólogos que estudam a cerâmica tupiguarani já perceberam que nem sempre as impressões em segmento de círculo, que parecem à primeira vista corresponder a esta definição, foram de fato deixadas por unhas. Poderiam ter sido feitas tanto por impressão de unha(s) quanto pela extremidade, curva ou linear, de um instrumento (JÁCOME, et al, 2010, p. 39).

Considerando o comprimento da decoração plástica de 1 cm foi levantada a utilização de cinco instrumentos e consequentemente cinco tipos de ungulados diferentes, por meio de gravetos, estiletes e as unhas. A cerâmica do sítio Topo do Cafezal debatida em *Tupi ou não Tupi? Predação material, ação coletiva e colonialismo no Espírito Santo, Brasil*, aborda sobre a questão já no recorte colonial que itens observados em cerâmica pode apresentar:

(...) europeus também podem ter sido utilizados na decoração dos lábios de algumas bacias, os quais apresentam incisões ou ponteados muito regulares (em largura, distância e profundidade), sugerindo a aplicação de um objeto com várias extremidades de mesma espessura - um garfo ou pente, por exemplo (RIBEIRO & JÁCOME, 2014).

Esse material apresenta de forma semelhante à posição e o formato dos motivos plásticos encontrados nas cerâmicas do sítio Moconha. No caso das três cerâmicas as incisões superiores na borda aparentam terem sido feitas com o uso de um graveto. Em prosseguimento, nas cerâmicas 2 e 3 tem-se a decoração plástica corrugada externa que geralmente:

(...) tem como expressão decorativa a DOBRA – é a ação lateral do dedo sobre a superfície cerâmica, pressionando uma parte da argila, por arraste, e formando uma crista de forma semi-lunar como resultado do acúmulo da argila arrastada (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p. 35).

Essa colocação corresponde pelo corrugado aparentar ter sido feito com uso das mãos com a argila possivelmente pouco úmida, mas se assemelhando também a uma das cerâmicas com decoração escovada do acervo MHN/UFMG (Figura 53).

**Figura 53** - Detalhe decoração escovada. Acervo MHN/UFMG.



**Fonte:** JÁCOME, et al,2010, p.4.

As decorações pintadas internas que formam raios ou rachaduras, como já dito, fazem referência às cerâmicas analisadas em *A diversidade das coisas: modos de expressão na cerâmica Tupiguarani da Ilha de São Luís e arredores, Maranhão/Brasil*. A cerâmica do Sítio Itaperá (figura 5) traz “linhas marrons na face interna e banda preta na face externa (nº 61)” apresentando ocupação entre os séculos XV-XIX<sup>11</sup>. Tal estilo de pintura vem sendo observada em outras cerâmicas do sítio Moconha, em sua maioria sobre outras pinturas mais elaboradas.

### 3.4 Urna (possivelmente) infantil e vasilha com decoração pintada

O texto a seguir traz características gerais sobre uma urna possivelmente infantil em cerâmica do sítio arqueológico Moconha, comparando e considerando especialmente o formato e as medidas. A vasilha (Figura 54) encontra-se totalmente conservada, conta com acabamento básico e mesmo estando em processo parcial de higienização com pincéis e não apresenta muitos dos atributos já identificados em outros fragmentos e vasilhas analisados, a exemplo de decoração plástica e fuligem, exceto pela presença de engobo vermelho. O material analisado é de grande porte, sua borda curva-se em formato de telhado e na vertical mede 4cm. A base é arredondada plana, a abertura é ampla e mede 39,5cm o que a faz ser considerada um tipo maior de *cambuchi* voltada para guardar água e para meios fúnebres agregando elementos decorativos ou não como é o caso, tem 148cm de circunferência, espessura de 0,5cm e altura de 14cm.

**Figura 54** - Vasilha do sítio Moconha, Serra Grande – PB, (detalhes internos e externos).



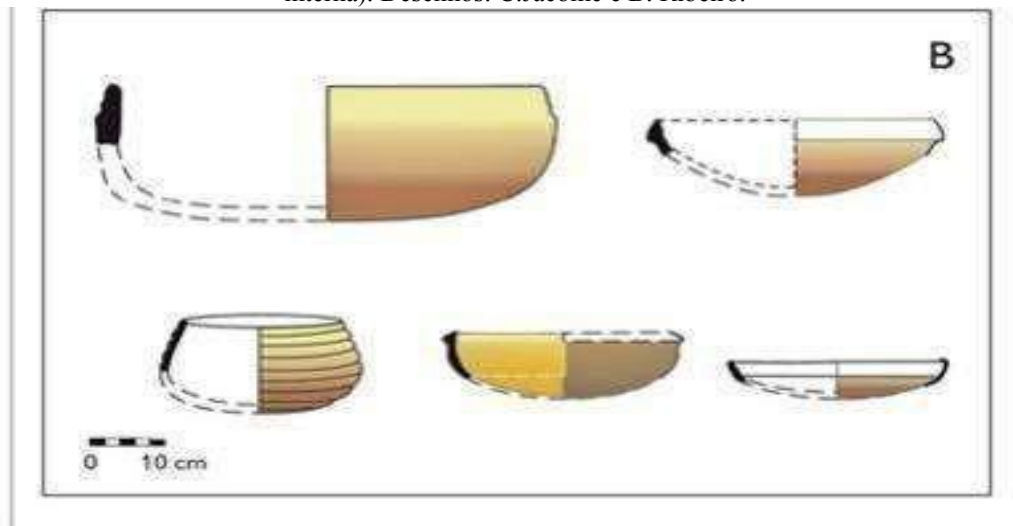
**Créditos das imagens:** Thamires Silva Cavalcant

Em seu interior existem marcas que não correspondem à decoração, mas arranhões circulares por toda a extensão interna provavelmente decorrente do modo em que a vasilha foi removida do solo, contando com raízes encontradas nos sedimentos. Foi possível constatar que o modelo da vasilha segue em partes o mesmo modelo de outras duas vasilhas do Sítio Moconha com dimensões parecidas. Sabe-se que ao se produzir uma vasilha o mais cotidiano em geral é cordel sobre cordel e alisamento da argila, barbotina que seria uma camada extra, colorida ou não em um novo alisamento e seguir utilizando como no caso da vasilha analisada dentro do



“cunho prático” dentro da necessidade do grupo. A parte interna dessa vasilha traz coloração escurecida com a presença de engobo vermelho interno e externo tomando como base que “As vasilhas de uso comum e até as de uso particular não exigem necessariamente uma decoração específica, mas poderão ficar com um acabamento produtivo (...)” (LA SALVIA; BROCHADO, 1989, p. 27).

**Figura 55 - B)** vasilhas abertas (bacia com borda entalhada, tigela com decoração roletada e tigelas com pintura interna). Desenhos: C.Jácome e B. Ribeiro.



**Fonte:** RIBEIRO & JÁCOME, (2014, pp. 465-486).

Com base no artigo *Tupi ou não Tupi? Predação material, ação coletiva e colonialismo no Espírito Santo, Brasil*, a vasilha mostra formato parecido com o segundo modelo do grupo B de vasilhas dos “(...) sítios pré-coloniais do Sul do Espírito Santo (...) vasilhas abertas (bacia com borda entalhada, tigela com decoração roletada e tigelas com pintura interna)” (RIBEIRO; JÁCOME, 2014). O modelo da vasilha também indica características de que integrou a questão fúnebre ao levar-se em conta o tamanho das vasilhas que geralmente são localizadas com os sepultamentos. Outra semelhança no formato se dá a vasilha no estilo semelhante a *cambuchi caguâbá* (vasilha para beber) (Figura 85). O texto a seguir traz as características gerais sobre uma vasilha cerâmica do Sítio arqueológico Moconha, considerando e comparando formato, medidas e pinturas como uma continuação da oitava análise, se valendo das colocações de Costa (2018); La Salvia & Brochado (1989); Prous (2009); “*Os ceramistas guaraní, Volume II – Elementos Decorativos*” (PROUS, LIMA, 2010) e Panachuk (2016). A vasilha analisada é apresentada nas Figuras 56 e 57.

**Figura 56** - Vasilha do sítio Moconha, Serra Grande – PB.



**Créditos das imagens:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 57** - Vasilha do sítio Moconha, Serra Grande – PB.



**Créditos das imagens:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 58** - Desenho da vasilha, sedimentos, bojo externo e borda.



**Créditos das imagens:** Thamires Silva Cavalcante.

A base é plana e arredondada, a dobra da borda mede 1 cm. A abertura é ampla e mede 35,5 cm, tem 118 cm de circunferência, espessura de 1cm, e altura de 12 cm. A vasilha se encontra totalmente conservada, com acabamento liso e mesmo estando em processo parcial de higienização pincelar e contendo uma densa camada de sedimentos, por sua vez recolhidos, apresenta os atributos constantemente identificados em outros fragmentos e vasilhas analisadas com relação à presença de decoração pintada, no geral bicolor interna, motivos lineares internos curvilíneos na cor vermelha, que é mais comum ao gênero Tupiguarani, pintura preta sobre engobo branco ou bege interna, cobertura vermelha interna e externa a partir da parte superior da borda até o bojo.

Abaixo da borda foram identificadas duas linhas paralelas e verticais (Figura 58) nas cores pretas e seis linhas pretas e vermelhas horizontais denominadas “bandas” ligadas segundo Panachuk, (2016 apud PROUS, 2005) aos tupiguarani litorâneos que servem para destacar o espaço e com base em *A Pintura na Cerâmica Tupiguarani in: Os Ceramistas Tupiguarani – Elementos decorativos* (PROUS, LIMA, 2010) considera-se que o uso da cor vermelha ocorre na:

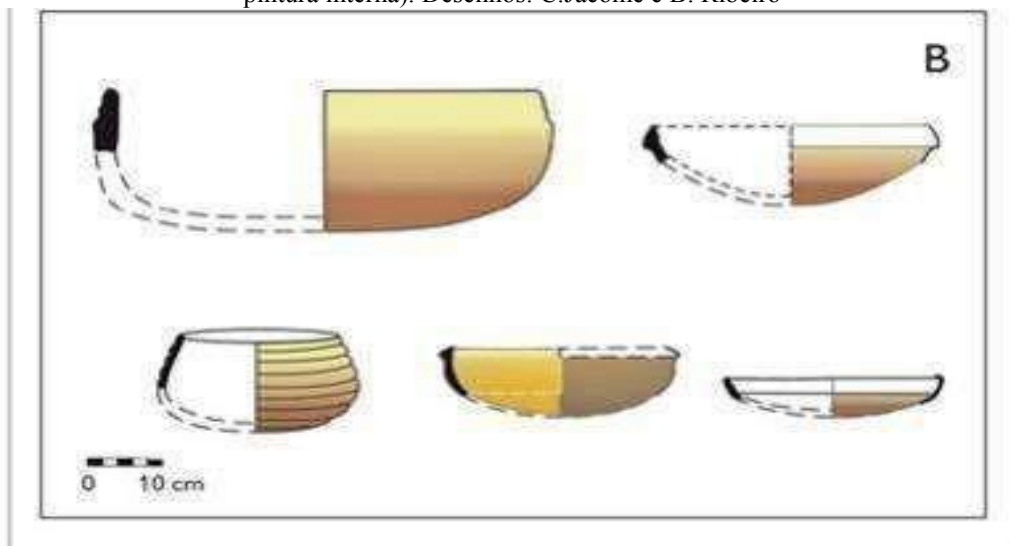
(...) depressão que existe entre a borda e o bojo é quase sempre realçada em ambas as faces (externa e interna) por uma banda vermelha externa nas vasilhas fechadas (jarros); (...) em bandas para realçar os relevos: lábio, reforços e pontos de inflexão. Em vários potes, as linhas dos motivos decorativos são também pintadas com essa cor. Retoques em vermelho ocorrem também sobre linhas pretas anteriores alteradas ou desbotadas (...) (PROUS, 2010, p.122-126).

Ademais, em concordância com o estudo sobre a Ilha de São Luís, no estado do Maranhão, centrado na questão Tupi/tupiguarani à classificação de uma das vasilhas se assemelha a vasilha estudada, por ser do tipo de recipiente subvertical em referência cilíndrica. Seguem-se a partir dos motivos lineares curvilíneos ponteados pretos (Figura 58) e pode-se levar em conta “(...) em alguns casos, que o pincel devia ser uma vareta fina, cuja extremidade era mergulhada na tinta depois de traçar cada linha de quatro a seis pontos e utilizado sem enxugar o excesso de tinta.” (IDEM, p.130-131). Todos os aspectos citados no total vêm se fazendo presente em uma vasilha e onze fragmentos do mesmo sítio, alguns deles relatados na oitava análise.

A banda corresponde, por sua vez, a banda próxima à borda de um conjunto de cerâmicas do sítio Tambor, Cuité, estado da Paraíba e materiais cerâmicos de demais sítios do país, dentre eles o sítio Baixo do Lopes, que apresenta uma cerâmica com as bordas pintadas também quase de forma idêntica ao Moconha e o formato de uma vasilha pré-colonial do estado do Ceará, ambos analisados em *Ensaio sobre os trabalhos arqueológicos em Brejo Santo* (2020) e ainda essa mesma banda aparece na cerâmica estudada na pesquisa “*A iconografia cerâmica como marcador identitário dos grupos ceramistas Tupiguarani em Pernambuco*” (COSTA, 2018). Em seu interior existem marcas que não correspondem à decoração, mas arranhões circulares por toda a extensão interna provavelmente decorrente do modo em que a vasilha foi removida do solo, apresentando raízes encontradas nos sedimentos. Foi possível constatar que o modelo da vasilha segue em partes o mesmo modelo de outras duas vasilhas do sítio Moconha com dimensões parecidas.

É de conhecimento que, ao se produzir uma vasilha o mais cotidiano em geral é o cordel sobre cordel e alisamento da argila, barbotina que seria uma camada extra, colorida ou não em um novo alisamento e seguir utilizando como no caso da vasilha analisada dentro da necessidade do grupo. A parte interna dessa vasilha traz coloração escurecida com a presença de engobo vermelho interno e externo tomando como base que “As vasilhas de uso comum e até as de uso particular não exigem necessariamente uma decoração específica, mas poderão ficar com um acabamento produtivo (...)” (LA SALVIA; BROCHADO, 1989, p. 27).

**Figura - 59 :** B) vasilhas abertas (bacia com borda entalhada, tigela com decoração roletada e tigelas com pintura interna). Desenhos: C. Jácome e B. Ribeiro



**Fonte:** RIBEIRO & JÁCOME, 2014, p. 465-486.

**Figura - 60:** Baixo do Lopes – bordas com pintura. 1. Conjunto de bordas com decoração pintada.



**Fonte:** Ensaios sobre os trabalhos arqueológicos em Brejo Santo. A Munganga Promoção Cultural. 7 de maio de 2020.

Em seu interior existem ainda marcas que não correspondem à decoração, mas ‘arranhões’ circulares próximos à borda, decorrentes da retirada do solo que em primeiro momento, já revelaram a decoração pintada, fato que não implica diretamente em seu uso, já que vasilhas decoradas podem também serem utilizadas para armazenamento/cozimento ou somente para uso privado e sagrado. Conforme abordado na oitava análise, os traços podem ter sido executados de forma pincelar se valendo de elementos naturais de mínima espessura (pelos, espinhos, etc.).

Dessa maneira, deve-se considerar que as tintas de uma cerâmica podem ser as mesmas, no entanto o PH (...) pela ação ácida do solo (...)” (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p. 37) contido no sedimento pode mudar o pigmento se esse for orgânico e nesse caso, é perceptível na vasilha que a cor vermelha está diferente nas pinturas externas que são de tonalidade mais amarronzada, para as internas que tem a tonalidade mais intensa podendo ser fruto dessa ação do maior e/ou menor contato com o ambiente. A análise dessas questões foi melhor executada devido ao uso de uma lupa articulada, que incluso pôde revelar um possível desgaste por abrasão.

### **3.5 Antiplástico - presença de grãos na pasta**

As imagens a seguir, foram selecionadas em laboratório com o objetivo de classificar e diferenciar a granulometria. O primeiro grupo contendo onze fragmentos do sítio arqueológico

Moconha, Serra Grande – PB. Ao serem analisados com o auxílio de microscópio e, consequentemente fotografados, foram identificados nos materiais à presença de grãos diversos com predomínio de quartzo branco, que correspondem ao antiplástico da cerâmica, sendo cabível enfatizar que “(...) no processo de confecção da cerâmica, a argila é o elemento material mais importante. Elas são um grupo particular de minerais, diferenciadas entre si e originadas pela decomposição de diferentes rochas” (SILVA, et al, 2004 p. 57). É possível considerar que a pasta é:

(...) resultante de diferentes fatores: tamanho das partículas de argila, forma das partículas de argila, quantidade de água na argila, íons absorvidos, componentes minerais, localização dos depósitos, material orgânico, componentes minerais não argilosos e temperatura. A boa argila é aquela que é suficientemente plástica para ser modelada, contrabalançando as características de extensibilidade e capacidade de ser seccionada e, ao mesmo tempo, que apresenta um processo de contração que não resulta em quebra durante a secagem e queima (RICE, 1987, p. 54-63; TITE, 1999, p. 184, apud, IBIDEM, p. 57).

No primeiro caso, existem grãos de quartzo branco, grãos pretos e outros minerais localizados no interior das cerâmicas, variando entre 0,1 cm até 0,5 cm de comprimento, classificados na categoria cascalho muito finos e grânulos, com ocupação de 3% até 7%. Essa parte do material foi anteriormente analisada apresentando características de uso comum, queima e fuligem. As figuras 61, 62, 63, 64 e 65 apresentam diferentes amostras de pasta.

**Figura - 61:** Imagem microscópica da pasta 1.



**Créditos das imagens:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 62 -** Imagens microscópica da pasta 2



**Créditos das imagens:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 63 -** Imagem microscópica da pasta 3.



**Créditos das imagens:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 64 -** Imagem microscópica da pasta 4.



**Créditos das imagens:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 65** - Imagem microscópica da pasta 5.



**Créditos das imagens:** Thamires Silva Cavalcante.

### **3.6 Urna funerária com decoração pintada e fragmentos ósseos**

Uma urna funerária (Figura 66) do sítio arqueológico Moconha passou por limpeza pincelar externa evidenciando triângulos externos padrão, decorativo do sítio. Mediante higienização interna foram coletados fragmentos de ossos humanos.

**Figura 66** – Urna do sítio Moconha, Serra Grande – PB.



**Créditos das imagens:** Thamires Silva Cavalcante.



A urna tem 61 cm de altura e 150 cm de circunferência, borda canerada, 74 cm de circunferência e 2cm de altura, o pescoço tem 9 cm na vertical e o campo principal 18 cm na vertical Apresentou semelhança de estrutura com o esboço seguinte (Figura 67).

**Figura 67** - Tratamento com decoração pintada em partes específicas de vasilhas Tupiguarani.



**Fonte: Oliveira (2008).**

**Fonte: DAVES, 2016, p. 85, apud, OLIVEIRA, 2008.**

A pintura foi feita sob engobo bege ou branco em superfície alisada, sendo identificada decoração plástica interna. Sobre a decoração plástica localizada na parte interna:

A utilização de elementos plásticos, mesmo que possa ter assumido significado étnico, tinha mais acentuadamente caráter funcional; o uso de determinadas formas, como as numerosas panelas da subtradição, parece depender do consumo de certos alimentos e de sua preparação, como a mandioca doce, grãos, legumes e milho e seu preparo como cozido (SCHMITZ, apud BROCHADO, 1977).

Os fragmentos de ossos humanos identificados são partes do crânio e ossos do pé ou mão, além de um dente com algumas cáries (Figura 68).

**Figura 68** – Material ósseo encontrado em urna funerária do sítio Moconha, Serra Grande – PB.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

### 3.7 Fragmentos de cerâmicas com decoração pintada linear

Dando seguimento, aspectos da decoração pintada de quatro fragmentos cerâmicos para realizar um comparativo com base no artigo *Salvamento arqueológico no sítio Baixio dos Lopes, Brejo Santo – CE: um sítio com cerâmica Tupi – Guarani da subtradição policrômica*. As pinturas estão localizadas próximas a base acompanhadas por motivos em formato de arco sobre engobo bege ou branco. Os traços são verticais com ondulações. A coloração consiste em uma tonalidade de preto avermelhado.

Foram estabelecidos os dados dos fragmentos presentes na figura 70. Fragmento 1 – 13x14,3 cm; motivos – 1 a 3 cm; 1cm de espessura e 484g Fragmento 2 – 5,5x4 cm; motivos 1 cm; 1,4 cm de espessura e 61g Fragmento 3 – 5x1,2,5 cm; motivos 1cm; 1,2 cm de espessura e 32g Fragmentos 4 – 3x4 cm; motivos 0,5 a 1 cm; 1 cm de espessura e 26g (Figura 70).

**Figura 69** - Cerâmicas do sítio Moconha – Serra Grande – PB.



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 70** - Detalhes estriados nas cerâmicas do sítio Moconha.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 71**- Detalhe da pintura da borda interna da urna A



**Fonte:** MARTIN; MEDEIROS; PESSIS DOI: 10.20891/cliio.v31i1, pp. 10-25. Cliio Arqueológica 2016, V31N1, p. 10-25.

O objetivo seguinte é estabelecer a descrição da pintura de um fragmento cerâmico, com base na dissertação *Conservação de acervo arqueológico: estudo de caso de uma vasilha tupiguarani* (FRONER, et al, 2012) e uma vasilha (Figura 74) presente no *Catálogo de pinturas em cerâmica tupiguarani* (PROUS, et al, 2016) que traz a mesma geometria decorativa. O material comparativo é de procedência mineira e traz as ondulações em pintura como principal característica a ser considerada. A retirada de sedimento do fragmento revelou decoração pintada interna (Figura 69) na cor vermelha e preta, linhas triangulares em sequência, onde o triângulo menor está preenchido por linhas onduladas verticais encontradas em outro conjunto de cerâmicas do mesmo sítio, mas entre arcos vermelhos.

A geometria triangular e a espessura finíssima das linhas são predominantes em quase todas as peças, levando a crer que podem se tratar de peças que foram feitas por indígenas de uma mesma etnia que habitavam a região de Serra Grande, considerando esse tema decorativo presente em cerâmicas do Nordeste até Minas Gerais. O pequeno fragmento apresenta elementos internos de campo principal conservados e que podem ser descritos como traços serpentiformes em preto sobre engobo bege preenchendo triângulos vermelhos no campo principal.

**Figura 72** – Fragmento de cerâmica do sítio Moconha.



**Créditos das imagens:** Thamires Silva Cavalcante.

O fragmento pesa 63g, com 6x7,5 cm e 1cm de espessura, traz cor uniforme preta acinzentada interna, identificado como um fragmento do centro da vasilha. A cor interna se deve

ao carbono e queima incompleta, já a oxidação resulta em pasta mais clara, logo queima completa (SILVA, 2017, p. 76), o que não é o caso do fragmento do Moconha (Figura 72).

**Figura 73** – Lateral da cerâmica.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 74** - Sítio Arqueológico Triunfo, Ipanema, Minas Gerais – MG.



**Fonte:** PROUS, et al. Catálogo de pinturas em cerâmica tupiguarani. Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

**Figura 75** - Fotografia da borda externa mostrando a fita de base branca sob o desenho sinuoso em negro.



**Fonte:** FRONER, et al, 2012, p. 68.

O material comparativo se trata de uma vasilha tupiguarani (Sítio Arqueológico Triunfo, Ipanema, Minas Gerais – MG) (Figura 74) contendo na borda motivos serpentiformes internos e externos vertical sobre engobo branco onde, o “(...) desenho sinuoso vertical que se repete nas fitas externa e interna é formado por linhas irregulares de espessura fina (variando entre 0,2 e 0,3 mm)” (FRONER, 2012, p. 67). Do mesmo modo ao fragmento do sítio Moconha, combinando mais uma vez seu contexto decorativo ao Tupi – Tupiguarani.

**Figura 76** - Fragmentos de cerâmica com restos de pintura.



**Fonte:** Clio Arqueológica 2016, V31N1, pp. 10-25, MARTIN; MEDEIROS; PESSIS DOI: 10.20891/cli. v31i1, p. 10-25.

A pintura das nove cerâmicas (Figuras 69, 70 e 72) seguem o padrão decorativo interno encontrado na borda interna de uma urna e em um fragmento, dentro da noção Tupiguarani do sítio Baixio dos Lopes em Brejo Santo, Ceará, se assemelhando desde o traço, localização/direção e a cor utilizada para os motivos. De acordo com esse estudo, esse tipo de material devido:

A complexidade dos desenhos nos leva a pensar na existência de artesões dedicados à decoração dessas vasilhas, sem dúvida cerimoniais, pois a complexidade da decoração interna lhes guarda qualquer uso funcional que não seja votivo (MARTIN; MEDEIROS; PESSIS, p. 21, 2016).

Em continuidade, a primeira e maior cerâmica presente na figura 70 apresentou dois sulcos externos. Foi feito um teste utilizando uma haste flexível para verificar se o pigmento saía com facilidade, o que não ocorreu, podendo indicar sua procedência mineral. Existe a possibilidade de o vermelho, em algumas partes das cerâmicas, ser uma variação do preto pela

queima ou devido ao tempo em que esteve descartada. O sedimento mostrou uma cor alaranjada (Figura 77).

**Figura 77** – Sedimento.



**Crédito de imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

A pasta é mais arenosa com algumas partes escuras, há pouca incidência macroscópica de quartzo, mostrando uma pasta mais limpa e a parte interna apresenta um brilho ou verniz. O formato dos fragmentos faz referência a uma vasilha mais ampla. O próximo conjunto apresenta fragmentos de cerâmica (Figura 78) com decoração pintada na parte interna em formato de zigue-zague, nas cores vermelho e preto e distribuídas na vertical.

**Figura 78** – Fragmentos de cerâmica da borda.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 79** - Detalhes da decoração.



Créditos das imagens: Thamires Silva Cavalcante.

A pasta em microscópio apresenta brilho e quartzo interno e externo (Figura 80).

**Figura 80** - análise microscópica que apresenta micro fragmentos de quartzo



Crédito da imagem: Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 81** - Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, RS, Itapiranga, Santa Catarina



Foto: Jairo H. Rogge

Fonte: PROUS, et al. Catálogo de pinturas em cerâmica tupiguarani. Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.



Dentro do comparativo, os motivos pintados fazem referência à geometria dos motivos pintados da cerâmica de Santa Catarina (Figura 81). O último conjunto contém seis fragmentos de cerâmica do sítio Moconha, Serra Grande – PB, retirados da reserva técnica (Figura 82) (Figura 83). O estudo se baseia nas dissertações *Arqueologia Tupiguarani: relações entre as implantações dos sítios e cultura material no Médio Rio Doce* (PILÓ, 2008) e *Arqueologia Tupi no Nordeste de São Paulo: um estudo de variabilidade artefactual* (MORAES, 2007). A qualidade da pintura é média considerando um desgaste na intensidade das cores, a densa camada de engobo se desprendendo em diversos pontos e porosidade externa. Com esse engobo e um pouco de pigmento foi feito um pequeno teste, onde possivelmente se trata de um componente orgânico. Com a água oxigenada ocorreu uma breve reação de espuma, já com o cloro não houve reação.

Encerrando a apresentação das cerâmicas, a primeira cerâmica apresenta decoração pintada vermelha interna sobre uma camada espessa de engobo bege, formada por quatro linhas verticais paralelas finas, cinco linhas formando triângulos invertidos ao centro acompanhados por um feixe de linhas paralelas oblíquas. O segundo e terceiro fragmentos são compostos por um feixe de quatro linhas vermelhas paralelas. O quarto fragmento se trata de uma borda reforçada e início do bojo. A respeito da queima, os menores fragmentos possuem uma coloração acinzentada indicando uma boa queima. Os fragmentos maiores apresentam uma coloração mais escura próxima à base. A pasta observada nas laterais e em microscópio apresenta um brilho já característico da presença de antiplástico – mineral quartzo com médio grau de friabilidade.

Na borda existem linhas internas e externas agrupadas e paralelas em triângulo na cor preta, seguidos de um feixe de sete linhas vermelhas horizontais que indicam uma divisão entre a borda e o campo principal da vasilha. A quinta cerâmica contém seis linhas formando um triângulo com extremidade superior arredondada. A sexta cerâmica apresenta banda horizontal com cinco linhas abaixo da borda seguindo para o campo principal com aproximadamente dez linhas verticais muito finas (cerca de 0,2mm). A decoração está ligada a padrões decorativos, Tupiguarani de acordo com os *Ceramistas Tupiguarani II - Elementos Decorativos* (PROUS, LIMA, 2010) são muito recorrentes na maioria das cerâmicas do sítio Moconha.

O material apresenta os seguintes dados: Cerâmicas - cerâmica 1 – SAM – SG 0121: 18X10,5 cm; 2 cm de espessura; 558g; Cerâmica 2 – SAM – SG 0129: 5,5X4,5 cm; 2 cm de

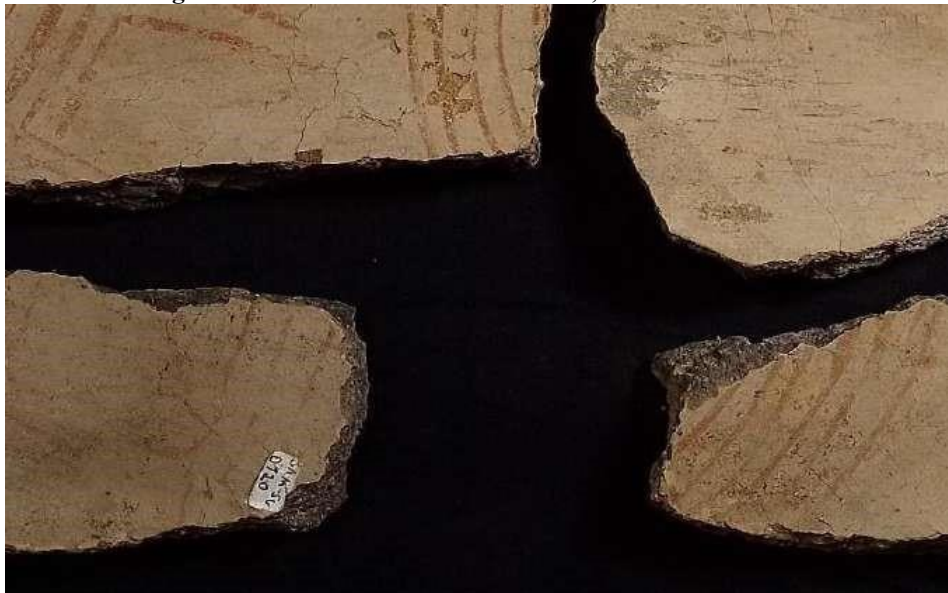
espessura; 71g; Cerâmica 3 – SAM – SG 0175: 5x5cm; 2cm de espessura; 65g; Cerâmica 4 – SAM – SG 0164: 7,5x5 cm; 1 – 2cm de espessura; 100g; Cerâmica 5 – SAM – SG 0120: 14x7 cm; 1cm de espessura; 237g; Cerâmica 6 – SAM – SG – 0120: 13x10,5 cm; 1cm de espessura; 314g.

**Figura 82** – Cerâmicas do sítio Moconha, Serra Grande – PB.



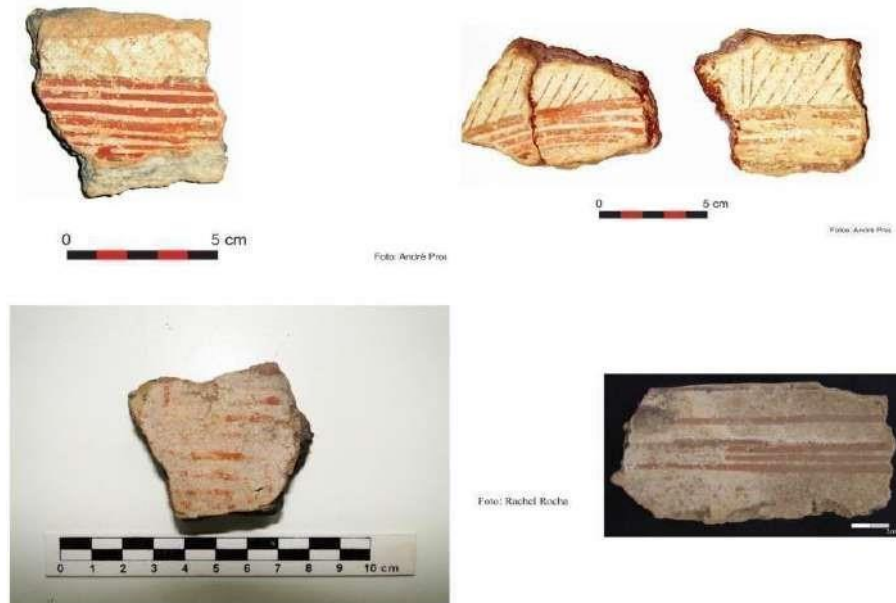
**Créditos das imagens:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 83** – Cerâmicas do sítio Moconha, Serra Grande – PB.



**Créditos das imagens:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 84** – 1 e 2 Sítio Sinal Verde, São Lourenço da Mata, Pernambuco (554-98 PE; 554); 3 - Sítio Regadas Garcia, Pompéia - São Paulo – SP (1127REG); 4 - Sítio Abrigo da Pilastra, Montalvânia – MG (151).



**Fonte:** PROUS, et al. Catálogo de pinturas em cerâmica tupiguarani. Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

A respeito de comparar o material do sítio Moconha, oito cerâmicas retiradas do *Catálogo de pinturas em cerâmica Tupiguarani* (PROUS, et al, 2016), apresentam elementos pintados que seguem a geometria Tupiguarani. Os dois primeiros fragmentos do sítio Sinal Verde, São Lourenço da Mata, PE, e do sítio Abrigo da Pilastra, Montalvânia – MG (Figura 84) contêm faixas ou ‘bandas’ encontradas em quatro dos fragmentos do Moconha com a mesma cor e espessura das linhas. A quarta cerâmica ainda traz elementos piramidais da cor negra localizados na borda interna e externa.

A quinta cerâmica do sítio Moconha, além da borda com linhas horizontais já descritas, no campo principal, agrupa linhas verticais finíssimas vestigiais presentes com a mesma precisão e cor em duas cerâmicas com linhas oblíquas dentro da tradição Tupi de São Paulo e verticais do sítio Lagoa São Paulo. De forma geral, foi analisado cerca de 8% apenas dos conjuntos de cerâmicas coletados no sítio Moconha.

#### **4 ANÁLISES INICIAIS DOS FRAGMENTOS DE OSSOS HUMANOS COLETADOS EM URNA FUNERÁRIA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA, SERRA GRANDE - PB.**

Como parte das pesquisas, será apresentada uma urna funerária contendo uma diversidade significativa de ossos. O referido material foi analisado através da identificação e descrição das características. Analisando uma parcial de mais de 25 ossos foi possível determinar de maneira preliminar que a urna comporta cerca de 3 a 4 indivíduos sepultados de maneira secundária. O grau de friabilidade dos ossos varia conforme a profundidade na urna e a presença de sedimentos. Os primeiros ossos avaliados tratam-se de partes do crânio. O contexto funerário dos povos pretéritos é extremamente intrigante e repleto de signos que remontam tradições que podem relatar um pouco de como eles lidavam com a morte depositando seus entes queridos em “(...) cerâmicas ricamente entalhadas e usadas como mortalhas permitem identificar nos rituais funerários desses povos uma série de trocas simbólicas entre os diferentes domínios que povoam o universo real e imaginário” (MANO, 2009, p. 111).

A referida urna ou igaçaba poderia ser utilizada para armazenar alimentos e bebidas antes de ingressar ao uso fúnebre e sobre esses vasos:

Ao observá-los, o espectador sagaz é capaz de apreciar não só a beleza estética de vários dessas urnas, mas é capaz também de se deparar com vários seres. Por um lado, o(s) ser(es) cujos restos jazem na urna; por outro, os seres que povoavam o universo simbólico desses povos e aos quais os rituais funerários deviam estar em relação (MANO, 2009, p. 112).

O material é de fina espessura e é composto por restos mortais de enterramentos secundários típicos da tradição tupiguarani que correspondem ao enterro em terra e o depósito dos ossos na urna. O sentido religioso está associado a essa prática, aos indivíduos sepultados e ao ambiente, formando uma tradição.

Sobre esse ponto:

Os registros arqueológicos e documentos históricos referentes as áreas de ocupação dos Tupiguarani, mostram como elemento diagnóstico a existência de uma cerâmica elaborada com decoração policrômica ou corrugada associada aos rituais funerários, com urnas e tampas mortuárias configurando enterros primários e secundários. Tanto

no registro arqueológico, quanto nos relatos etnohistóricos, os enterramentos primários em urnas seriam mais raros que os secundários (SOLARI, Ana et, 2022, p. 59).

Os primeiros ossos avaliados se tratam de partes do crânio. A altura da urna é 54 cm (aprox.), circunferência do bojo 155 cm circunferência da abertura 80 cm (aprox.) e diâmetro da abertura com 26 cm.

**Figura 85** - Imagem da urna durante o processo de coleta dos ossos.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

A etapa inicial realizada no LABAP – UEPB, consistiu na retirada das dimensões da urna e higienização mecânica parcial da área externa, a fim de identificar algum tipo de decoração. Próximo à borda seguindo para o bojo apresentou decoração pintada pincelar bem conservada, nas cores vermelho e preto formando um espiral duplo estando de acordo com a tradição Tupiguarani “(...), ou seja, vasilhames com acabamento de superfície pintado (pintura policroma - vermelho e/ou preto sobre o engobo branco ou vermelho ou apenas o engobo)” (SOLARI, et al, 2022, p. 54). O elemento decorativo acaba sendo um dos mais importantes para classificar materiais cerâmicos dentro da tradição referenciada.

É perceptível certo brilho sobre a pintura evidenciado algum tipo de resina. A pintura é um marcador que permite a fácil identificação de um material enquanto procedente Tupi,

elemento esse que reforça o presente estudo da urna. Elementos decorativos são o ponto de destaque.

A 2ª etapa partiu da coleta de alguns fragmentos ósseos que estavam dispersos, buscando entre eles materiais similares e formando grupos, como por exemplo, somente partes do crânio. Conforme a retirada de material superficial ocorreu, foi possível notar que alguns ossos longos, partes da coluna, ossos do pé e sacro, estavam cimentados no fundo da urna, havendo assim, a necessidade de recolher o sedimento de cor cinza superficial e realizar a limpeza pincelar até evidenciar para coletar e não danificar o material. Foi descartada a possibilidade de higienização de todos os ossos dada a friabilidade.

A 3ª etapa emprega as análises individuais macroscópicas e microscópicas com o objetivo principal de classificar a tipologia e identificar marcas de enfermidades. Em relação a alguns ossos é cabível dizer de maneira preliminar o sexo e a idade. Não foi constatada presença de tecido. Os primeiros ossos avaliados tratam-se de partes do crânio. Sobre a quantidade múltipla de indivíduos um exemplo disso é apontado na “(...) na região do rio Mogi Guaçu no interior paulista uma mesma urna continha ossos de diferentes indivíduos” (GODOY, 1974 apud, MANO, 2009, p. 118).

Apresenta-se as partes identificadas do primeiro crânio (Figura 85) correspondente a área frontal, orbital e nasal. A microscopia evidenciou a presença de fungo interno (Figura 87). A espessura indica um indivíduo velho e do sexo masculino.

#### **4. 1 Fragmentos de crânio - frontal, posterior, occipital e parietal**

**Material:** Crânio (adulto – velho), parte frontal (testa, órbita e narina)

**Procedência:** urna funerária, enterramento secundário (sítio Moconha, Serra Grande);

**Medidas:** 13x18cm; **Peso:** 105g **sexo:** N.I. **Coloração:** amarelada – acinzentada

**Descrição:** Margem superior nasal atrelada ao osso frontal e órbitas

**Presença de fratura:** não

**Grau de friabilidade:** médio **Presença de material orgânico:** apresenta fungo.

**Identificações externas:** Túber frontal e margem parietal; escama frontal (face externa); arco superciliar e incisura supra orbital (agrupa vasos e nervos); parte da face orbital esquerda e parte nasal; glabella, incisura frontal e proc. zigomático; face temporal e margem supra orbital.

**Identificações internas:** Seio frontal e crista etmoidal; lâmina cribiforme e forame da lâmina cribiforme; sulcos arteriais e venosos.

**Figura 86** – parte superior e interior do crânio.



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 87** – Face frontal e interna do crânio.



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 88** – presença interna de fungo.



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

A próxima análise macroscópica e microscópica traz informações acerca do segundo fragmento de crânio sutural (Figura 89), em continuidade ao trabalho realizado na urna funerária. O material está bem preservado e curiosamente apresenta partes chamuscadas lesões de baixo e médio impacto e suturas bem preservadas. As deformidades central e lateral foram ocasionadas em vida, já a do centro não existe tecido nascendo então sustenta a hipótese de ter acontecido após a morte. É importante salientar que a maioria dos ossos da urna apresenta algum tipo de lesão ou marcadores de enfermidade. A espessura do fragmento pode indicar que se trata de um indivíduo jovem.

**Material:** fragmento de crânio posterior (possivelmente indivíduo jovem)

**Procedência:** urna funerária, enterramento secundário (sítio Moconha, Serra Grande)

**Medidas:** 10x9cm; **Peso:** 36g; **Sexo:** N.I.

**Coloração:** acinzentada (chamuscado externo)

**Descrição:** osso posterior – occipital;

**Presença de fratura e afins:** sim (2);

**Grau de friabilidade:** médio;

**Presença de material orgânico:** fungo.



**Identificações externas:** Sutura lambdoide, lambida e sutura sagital; escama occipital; protuberância occipital externa; presença de ferimento central (aprox. 1cm) e deformidade lado direito (aprox. 4cm).

**Figura 89** – parte interna e externa geral – parte interna e externa da deformidade



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 90** – Chamuscado, lesão central, lesão lateral e sutura.



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 91** – Face externa e interna – deformidade lateral.



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

A seguir, dados de o 3º osso do crânio parte da região occipital (Figura 92), possivelmente de um indivíduo adulto, levando em conta a espessura do material que indica se tratar de um indivíduo velho. Apresenta sutura e linha nuchal superior.

**Material:** crânio (occipital)

**Procedência:** urna funerária, enterramento secundário (sítio Moconha, Serra Grande)

**Medidas:** 15x23cm **Peso:** 132g; **Sexo:** N.I; **Coloração:** amarelada

**Presença de fratura:** não; **Grau de friabilidade:** médio; **Presença de material orgânico:** apresenta fungo.

**Figura 92** – crânio (face externa).



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 93** – crânio (face interna).



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

O seguinte fragmento de crânio (Figura 94) possui uma lesão caracterizada por um furo lateral, que pode ter sido feito em vida ou para deposição. As suturas laterais na área da quebra são perceptíveis, indicando que esse fragmento pode ser a parte parietal do crânio. Na microscopia é possível observar o que aparenta ser uma regeneração do local.

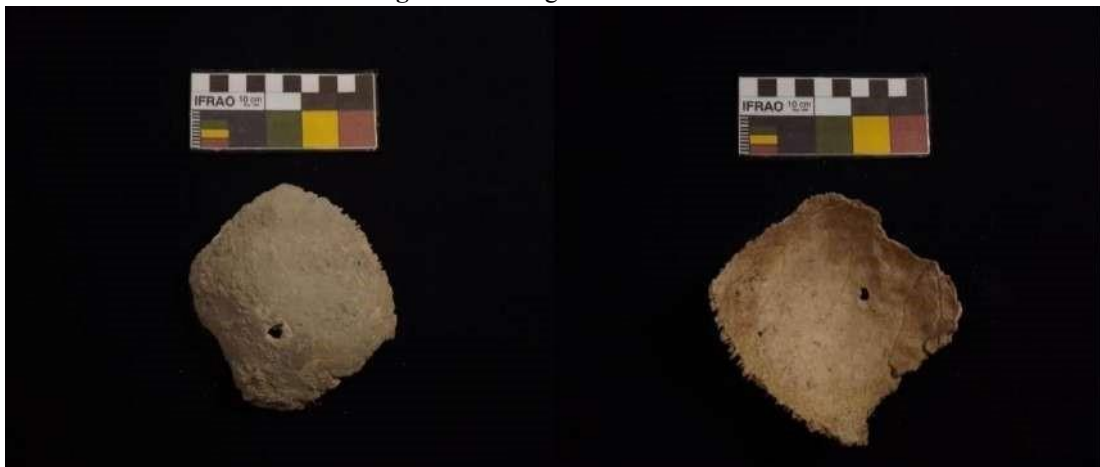
**Material:** fragmento de crânio

**Procedência:** urna funerária, enterramento secundário (sítio Moconha, Serra Grande);

**Medidas:** 13x14cm; **Peso:** 42g; **sexo:** N.I. **Coloração:** acinzentada

**Presença de fratura e afins:** sim (1)      **Grau de friabilidade:** alto; **Presença de material orgânico:** fungo.

**Figura 94** – Fragmento de crânio.



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 95** – microscopia da área afetada.



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

Na parte mais profunda da urna foram localizados mais 17 fragmentos de crânio (Figura 96) de fina e grossa espessura. Alguns deles apresentam alto grau de friabilidade, suturas e mínimas perfurações.

**Figura 96** – Fragmentos de crânio.



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

#### 4.2 Costelas fragmentadas, vértebras (cervicais, atlas, lombar, torácica e típica), ulna, rádio e sacro

A maioria das costelas está fragmentada (Figura 97), sendo possível localizar mais de vinte peças, incluindo costelas da parte inferior e superior. De forma macroscópica não foi identificado nenhum tipo de marca que possa sinalizar alguma enfermidade.

**Figura 97 - Costelas.**



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 98 - Costelas.**



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

As vértebras (Figura 99) estavam agrupadas no bojo da urna. A retirada foi executada após a retirada de grande parte do sedimento e limpeza mecânica da área. A imagem apresenta 11 exemplares que incluem vértebras cervicais, atlas, lombar, torácica e típica.

**Figura 99** – Vértebras.



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

O próximo material pertence ao antebraço, está parcialmente fragmentado e estava depositado ao fundo da urna e sua retirada ocorreu após a coleta de sedimentos.

**Material:** Ulna (2)

**Procedência:** urna funerária, enterramento secundário (sítio Moconha, Serra Grande);

**Medidas da 1<sup>a</sup>:** 3x15 cm; **Peso:** 24g; **Medidas da 2<sup>a</sup>:** 3x11 cm; **Peso:** 16g; **Sexo:** N.I

**Coloração:** amarelada – acinzentada

**Presença de fratura:** não **Grau de friabilidade:** médio **Presença**

**de material orgânico:** apresenta fungo.

**Figura 100** - ulnas (2).



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

A observação macroscópica identificou certo desgaste ósseo próximo ao topo da primeira ulna (Figura 101). Essa característica foi identificada em um fêmur e pode indicar alguma infecção. A coloração da área pode ser descrita como vermelha acinzentada. A imagem microscópica permite evidenciar melhor esse aspecto.

**Figura 101** – microscopia da região afetada na 1ª ulna.



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Partes identificadas:** Olecrano; incisura troclear; proc. coronoide; incisura radial, tuberosidade e crista do m. supinador; margem interóssea e face posterior.

O rádio forma o antebraço ao lado da ulna (Figura 102).

**Material:** Rádio (2) **Procedência:** urna funerária, enterramento secundário (sítio Moconha, Serra Grande); **Medidas do 1º:** 2x11cm; **Peso:** 11g

**Medidas do 2º:** 1,5x6c; **Peso:** 6g

**Sexo:** N.I

**Coloração:** amarelada – acinzentada

**Presença de fratura:** quebra da parte inferior

**Grau de friabilidade:** médio

**Presença de material orgânico:** apresenta fungo.

**Figura 102 - rádios.**



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Material:** parte superior do sacro

**Procedência:** urna funerária, enterramento secundário (sítio Moconha, Serra Grande);

**Medidas:** 10x5 cm; **Espessura:** 5 cm; **Peso:** 44g

**Sexo:** N.I

**Coloração:** amarelada – acinzentada

**Grau de friabilidade:** alto

**Presença de material orgânico:** apresenta fungo



**Quebra após deposição: sim**

Base parcialmente danificada, superfície articular lombossacra, face articular do processo articular superior, face auricular e asa do sacro (Figura 103).

**Figura 103** – parte superior do sacro.



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

Os dados posteriores são referentes a um fragmento de mandíbula (Figura 104) com três cavidades e ausência de dentição ou raízes que apresenta deformação óssea interna e quebra após a deposição na região do segundo molar e pré-molar. Levanta - se a hipótese de que a deformidade seja fruto de uma “cavidade patológica revestida por uma cápsula, de natureza conjuntivo epitelial, de conteúdo líquido ou semilíquido, que ocorre no osso da maxila ou mandíbula causando-lhes perdas ósseas, proporcionais ao período de evolução da lesão” (MOURA; ARAÚJO et al, 2007, p. 171- 194). O trabalho foi feito a partir de microscopia e macroscopia a fim de mapear as partes.

#### **4.3 Fragmentos de mandíbulas inferiores e dentição humana**

**Material:** mandíbula inferior (parte direita)

**Procedência:** urna funerária, enterramento secundário (sítio Moconha, Serra Grande);

**Medidas:** 11x3cm; **Peso:** 28g; **Sexo:** masculino (possivelmente)

**Coloração:** amarelada – acinzentada

**Presença de fratura ou enfermidade:** sim

**Grau de friabilidade:** médio

**Presença de material orgânico:** apresenta fungo.

**Identificações internas:** Processo condilar; cabeça mandibular; proc. coronoide; ramo da mandíbula; sulco milo – hióideo; Fóvea submandibular; fóvea sublingual; língula da mandíbula; toro mandibular e eminências alveolares.

**Identificações externas:** Incisura da mandíbula; ramo da mandíbula parcialmente deteriorado; forame mental; ângulo da mandíbula deteriorada.

**Figura 104** - parte externa e interna; eminências alveolares e cavidade cística.



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 105** – microscopia da cavidade (remanescentes cristalinos).



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

O segundo fragmento de mandíbula esquerda inferior (Figura 106), possivelmente de um indivíduo adulto com ausência de dentes e cerca de 3 cavidades dentárias que aparentam quebra após a deposição e processos de infecção. O trabalho foi feito a partir de macroscopia e microscopia (figura 2), a fim de mapear as partes da peça presentes e buscar algum indício de enfermidade. Não se identificou até então, algum tipo de enfermidade ou deformidade. A estrutura da peça é mais delicada e inferior à trabalhada na análise anterior.

**Material:** mandíbula inferior (parte esquerda);

**Procedência:** urna funerária, enterramento secundário (sítio Moconha, Serra Grande);

**Medidas:** 11x6cm; **Peso:** 24g **Sexo:** N.I

**Coloração:** amarelada – acinzentada;

**Presença de fratura ou enfermidade:** não

**Grau de friabilidade:** médio;

**Presença de material orgânico:** apresenta fungo

**Quebra após deposição:** sim.

**Identificações:** Proc. Coronoide e condilar, cabeça mandíbula; ramo da mandíbula; sulco milo - hióideo; fôvea submandibular; fôvea sublingual; língula da mandíbula; forame; toro mandibular e eminências alveolares; incisura da mandíbula; ramo da mandíbula e ângulo.

**Figura 106** – mandíbula inferior (esquerda) externo-interno.



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 107** – Cavidades dentárias e fungos



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 108** – Fragmentos de mandíbula.



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

A mandíbula inferior corresponde a um indivíduo jovem do sexo masculino. A parte direita está fragmentada e apresenta apenas raízes fragmentadas. O fator sexo pôde ser identificado de maneira preliminar através do formato da mandíbula. O material foi encontrado solto na urna.

Fragmento de mandíbula do lado esquerdo, localizado ao fundo da urna, apresenta dente molar (Figura 109).

**Figura 109** – fragmento de mandíbula (esquerda)



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Material:** mandíbula inferior com remanescentes de dentição

**Procedência:** urna funerária, enterramento secundário (sítio Moconha, Serra Grande);

**Medidas:** 7x7cm e 15cm de circunferência; **Peso:** 39g; **Sexo:** masculino (possivelmente)

**Coloração:** acinzentada

**Presença de fratura e afins:** não

**Grau de friabilidade:** alto

**Presença de material orgânico:** fungo.

**Partes identificadas:** (externa); proc. coronoide, ramo e ângulo; corpo e protuberância mental e forame mental.

**Figura 110** - Dentes humanos.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 111** – mandíbula inferior.

**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Identificações internas:** interno, espinhas mentuais e fóvea sublingual; incisura e fossa digástrica.

A análise a seguir traz informações sobre um osso fêmur direito (Figura 112) de um indivíduo adulto, possivelmente do sexo masculino, cuja parte do tubérculo adutor está ausente falta. Identificou-se anomalias sutis na estrutura, perfurações na região do colo, corpo (Figura 113). Na região do corpo existe um desgaste que pode indicar algum tipo de câncer, infecção ou metástase óssea, região amarelada, possível causa da morte (osteomielite ou periostite), analisada em microscópio (Figura 114), constante em adultos e em ossos longos que é caracterizada pela <sup>9</sup>“(…) formação de cavidades, ou cloacas, que resultam da morte de partes ósseas e sua eliminação”<sup>10</sup>. A cabeça encontra-se porosa, onde geralmente existe uma camada lisa recobrindo o osso.

#### **4.4 Ossos do fêmur com (possível) metástase, ossos da pelve e úmero**

**Material:** fêmur direito

**Procedência:** urna funerária, enterramento secundário (sítio Moconha, Serra Grande)

**Medidas:** 3x32cm; circunferência (centro): 7,5 cm e 9 cm de largura (região superior horizontal)

**Peso:** 140g; **sexo:** N.I. **Coloração:** amarelado – acinzentado

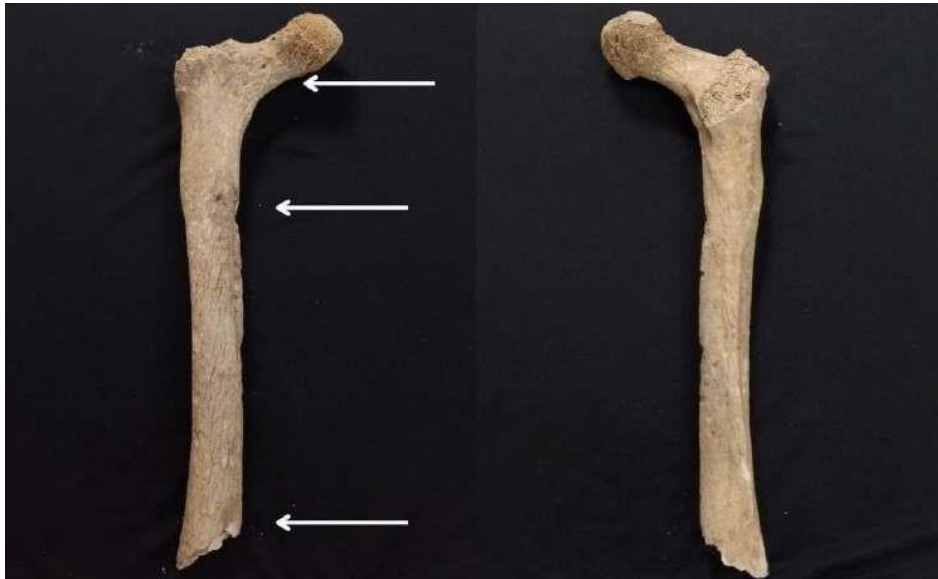
**Descrição:** fêmur direito, ausência de tubérculo adutor (pós-sepultamento); Indícios de enfermidade: sim (2)

**Grau de friabilidade:** médio

**Presença de material orgânico:** fungo.

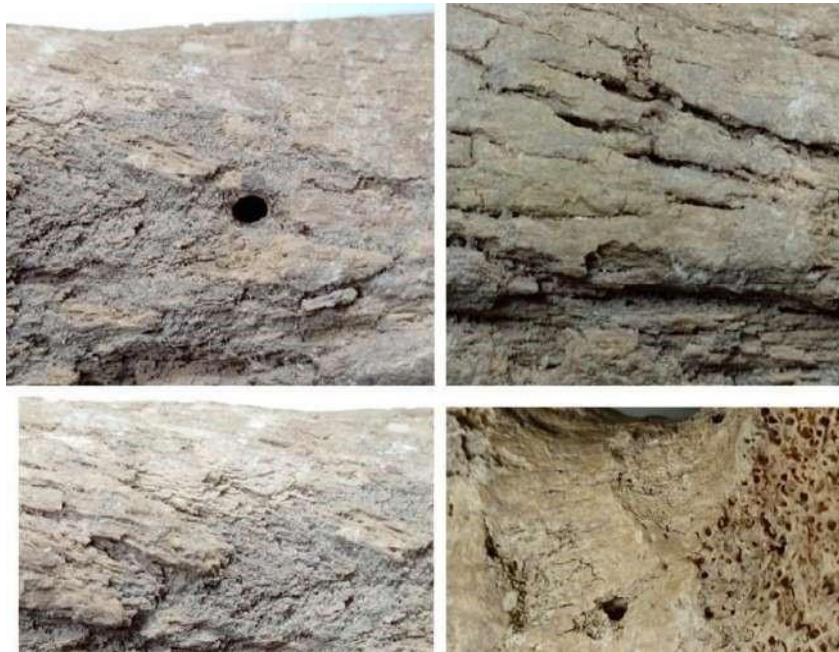
**Identificações externas:** Fóvea da cabeça do fêmur e cabeça; colo, parte do trocânter maior e menor linha intertrocântérica, colo e corpo.

**Figura 112**– Fêmur direito (regiões afetadas indicadas).



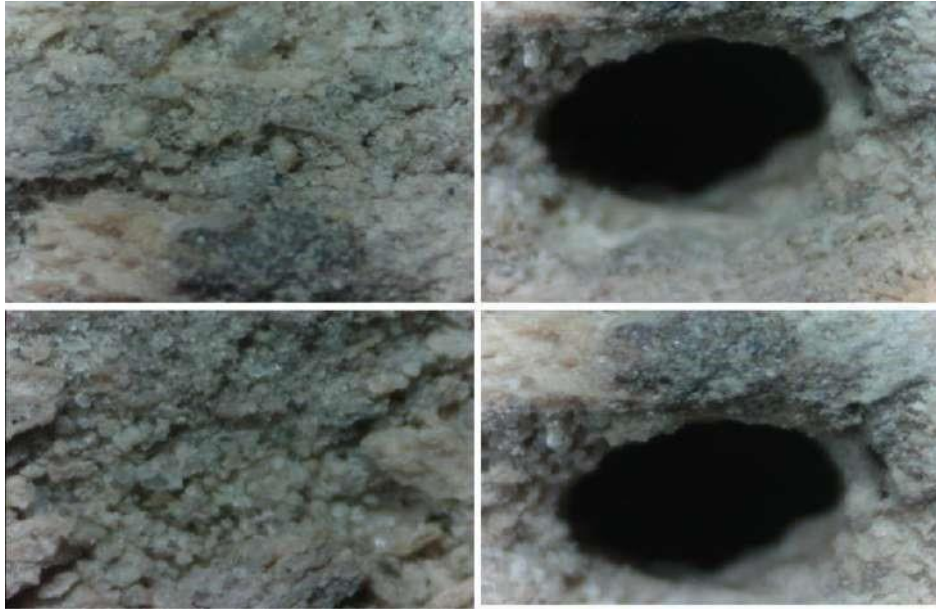
**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 113** – Possível (cabeça e corpo do fêmur) metástase óssea (câncer).



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 114** – Microscopia da parte afetada (perfurações e desgaste).



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

Dos seguintes materiais, foram encontrados mais ossos do fêmur e ossos longos, sendo que um deles apresenta perfuração que pode ter sido feita para realizar a deposição. Esses ossos foram encontrados cimentados ao fundo da urna.

**Figura 115** – 1º fêmur e 2º fêmur.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.



**Figura 116** - Ossos longos.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 117** - Osso com perfuração.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

A seguinte análise macroscópica e microscópica traz informações acerca de um osso da pelve (Figura 118), provavelmente masculino com base no tamanho da incisura isquiática e as considerações de Alencar (2016), como parte do trabalho realizado em uma urna funerária do sítio Moconha. O material está bem preservado e não apresenta lesões. Algumas partes do osso estão ausentes por quebra após-deposição. Existem mínimas perfurações em partes isoladas e presença de fungo (Figura 121). A abertura da incisura isquiática (Figura 120) é um forte

indicativo do sexo e, nesse caso, se trata de uma abertura menor dentro do grau masculino. Ademais, “A completa fusão da crista ilíaca indica que o indivíduo tem mais de 20 anos, pois tanto em indivíduos masculinos quanto em femininos o fusionamento ocorre aos 18 anos”. (IBIDEM, 2016).

**Material:** Osso da pelve (indivíduo adulto)

**Procedência:** urna funerária, enterramento secundário (sítio Moconha, Serra Grande)

**Medidas:** 9x16 cm; **Peso:** 812; **Sexo:** possivelmente masculino

**Coloração:** acinzentada – amarelado

**Presença de fratura e afins:** não

**Grau de friabilidade:** médio; **Presença de material orgânico:** fungo.

**Partes identificadas:** Parte da asa, face sacro pélvica, espinha ilíaca póstero superior, incisura isquiática maior, corpo do ísquio, acetábulo - face semilunar, margem e incisura, ramo superior do osso, tubérculo púbico, corpo do ísquio e tuberosidade.

**Figura 118** – Osso da pelve.



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

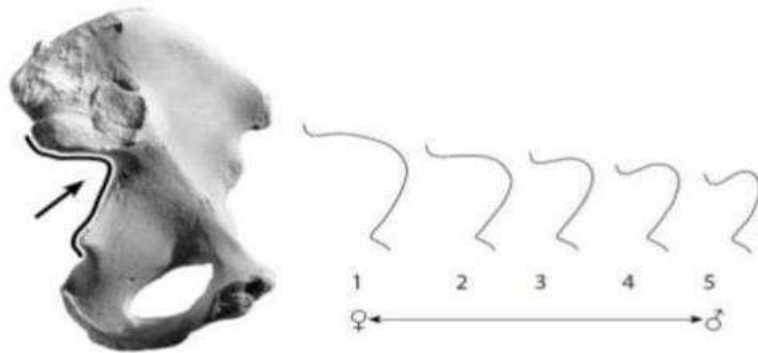
**Figura 119** – Ossos da pelve.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 120** - Esquema com aberturas da incisura isquiática maior e suas graduações, conforme o sexo

Figura 10. Esquema com aberturas da incisura isquiática maior e suas graduações, conforme o sexo.



1 – feminino, 2 – provável feminino, 3 – sexo ambíguo, 4 – provável masculino, 5 – masculino. Fonte: White, Black e Folkens (2012, p.417)

**Fonte:** ALENCAR, p.55, 2016, apud, Black e Folkens (2012, p.417).

**Figura 121** – Microscopia (presença de fungos).



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

Uma parte inferior do fêmur (Figura 122) foi encontrada na região superficial da urna. Identificou-se perfurações na fossa intercondilar, leves deformidades e marcações no corpo, porosidade nos côndilos laterais.

**Material:** parte inferior de fêmur

**Procedência:** urna funerária, enterramento secundário (sítio Moconha, Serra Grande);

**Medidas:** 4x19cm (aprox.); **Peso:** 99g; **Sexo:** N.I.

**Coloração:** amarelada – acinzentada

**Descrição:** material parcialmente completo por (quebra no corpo)

**Presença de fratura:** não **Grau de friabilidade:** médio **Presença de material orgânico:** apresenta fungo.

**Partes identificadas:** Corpo, face poplíteia, linhas supracondilar, face patelar, parte do côndilo lateral e medial.

**Figura 122** – parte inferior de fêmur



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

O úmero direito (osso do braço) (Figura 123) está bem conservado e apresenta perfurações na fossa do olécrano (Figura 124). Foram localizados mais 2 úmeros com a partes inferiores preservadas.

**Figura 123** - Úmero parte inferior (frente).



**Créditos da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 124** – Perfurações na fossa do olécrano.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Partes identificadas (frente):** Margens face ântero – medial, crista supracondilar lateral, cômulo lateral, epicômulo lateral, fossa radial, capítulo, tróclea, crista supracondilar medial, cômulo medial, partes identificadas (posterior), face posterior, fossa do olécrano, crista supracondilar medial; crista supracondilar lateral; epicômulo medial e tróclea.

**Figura 125 – Úmeros.**



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

#### **4.5 Ossos do pé, tálus, calcâneo e patelas**

A escavação parcial e retirada de sedimento da urna revelou ossos do pé cimentados na parte mais profunda, dentre eles cerca de 4 tálus com medidas semelhantes, cuja localização do osso é interna conectada ao tornozelo. As peças apresentadas nessa parte estão mais conservadas permitindo uma identificação mais eficiente de sua morfologia. Não apresentam deformidades ou quaisquer indícios de enfermidade.

**Material:** Tálus (2)

**Procedência:** urna funerária, enterramento secundário (sítio Moconha, Serra Grande);

**Medidas – 1º:** 3x5cm; **Peso:** 15g

**Medidas – 2º:** 3x5cm; **Peso:** 13g

**Coloração:** amarelada – acinzentada

**Presença de fratura:** não **Grau de friabilidade:** médio

**Presença de material orgânico:** apresenta fungo.

**Figura 126 - Ossos do pé.**



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Figura 127 – Tálus.**



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Material:** Tálus (2)

**Procedência:** urna funerária, enterramento secundário (sítio Moconha, Serra Grande);

**Medidas – 1º:** 3x5cm; **Peso:** 15g

**Medidas – 2º:** 3x5cm; **Peso:** 13g

**Coloração:** amarelada – acinzentada

**Presença de fratura:** não **Grau de friabilidade:** médio

**Presença de material orgânico:** apresenta fungo.

**Partes identificadas externamente:** Ausência parcial da face articular navicular e cabeça Colo, face, maleolar medial e lateral, proc. Lateral e superior, tubérculo medial

**Partes identificadas internamente:** Face articular, calcânea média, colo, sulco e corpo, sulco do tendão, proc. lateral, face articular calcânea posterior e proc. posterior.

Os quatro calcâneos apresentam porosidade no corpo principal e alternam ausência de pequenas partes e evidências esponjosas.

**Material:** calcâneos (4)

**Procedência:** urna funerária, enterramento secundário (sítio Moconha, Serra Grande)

**Medidas – 1º:** 4x7cm      **Peso:** 20g      **Medidas – 2º:** 4x7cm      **Peso:** 17g

**Medidas – 3º:** 4x7cm      **Peso:** 18g      **Medidas – 4º:** 4x6cm      **Peso:** 19g

**Coloração:** amarelada – acinzentada

**Presença de fratura:** não

**Grau de friabilidade:** médio

**Presença de material orgânico:** apresenta fungo.

**Figura 128 - Calcâneos.**



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Partes identificadas (externo):** Sustentáculo do tálus, face articular talar média, posterior e anterior, face articular cubóide, proc., medial do tubérculo e tuberosidade

**Partes identificadas (interno):** Sulco do calcâneo, sulco do tendão fibular longo, tróclea fibular, tuberosidade do calcâneo e proc. lateral da tuberosidade



Ao total foram localizados cerca de quatro ossos da patela. Esse é um dos ossos que compõem a parte frontal do joelho. Os ossos estão parcialmente porosos e com algumas estrias.

**Material:** Patelas (2)

**Procedência:** urna funerária, enterramento secundário (sítio Moconha, Serra Grande);

**Medidas – 1º:** 4x4cm                      **Peso:** 6g

**Medidas – 2º:** 4x4cm                      **Peso:** 9g

**Coloração:** amarelada – acinzentada

**Presença de fratura:** não **Grau de friabilidade:** médio

**Presença de material orgânico:** apresenta fungo.

**Figura 129** – Patelas.



**Crédito da imagem:** Thamires Silva Cavalcante.

**Partes identificadas (externo):** Sustentáculo do tálus, face articular talar média, posterior e anterior face articular cubóide, proc. medial do tubérculo e tuberosidade.

**Partes identificadas (interno):** Sulco do calcâneo, sulco do tendão do m. fibular longo tróclea fibular, tuberosidade do calcâneo e proc. lateral de tuberosidade

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante isso, o sítio estudado permitiu um olhar promissor para a tradição Tupi-Tupiguarani para se reescrever a historiografia e arqueologia ao tratar de um possível novo local de habitação para esses povos pretéritos. Todo o material cerâmico contribui firmemente para a consolidação preliminar da presente pesquisa desenvolvida ao longo de mais de dois anos, apresentando o território do Alto Sertão paraibano através do sítio arqueológico Moconha, Serra Grande, enquanto habitado por povos da etnia tupi. Todas as vasilhas, pratos, fragmentos e urnas com pintura, decoração escovada, plástica e fuligem que foram analisadas apresentam uma ou mais características idênticas ou semelhantes a outras cerâmicas comprovadamente Tupi, considerando a multiplicidade de formas e a precisão das pinceladas, coloração padronizada em preto e vermelho e elementos geométricos em comum que podem conter significados mágico - religiosos. A serventia das vasilhas transita entre guardar bebidas, alimentos, cozimento e sepultamentos.

As convergências decorativas ocorrem com cerâmicas do próprio estado da Paraíba, como Pernambuco, São Paulo e outras regiões citadas ao longo dos textos. Toma - se como assinatura pincelar das cerâmicas do sítio o motivo triangular na cor preta, presente em quase dez cerâmicas, além das linhas vermelhas horizontais abaixo das bordas que dividem os campos decorativos principal e secundário. Outrossim, a cobertura total pela decoração pintada predominantemente na parte externa das vasilhas, aspecto esse referente aos estilo tupi, além de indicar que essas peças fazem parte de um enxoval fúnebre, levando em conta tanto a grande quantidade de cerâmicas com pintura quanto a presença de duas urnas com ossos humanos.

A respeito da decoração plástica, essa foi localizada sempre em cima das bordas e sem acompanhamento pincelar, além da escovação feita no campo externo do bojo, sendo mais uma atribuição à tradição estudada. A estrutura das vasilhas varia de abertas e semi abertas, finas, finíssimas e grossas, bordas simples e reforçadas, alisamento e rolete. A pasta das cerâmicas mais bem acabadas, ou seja, com algum tipo de decoração é mais limpa com mínima presença de antiplástico, mas algumas peças de grossa espessura apresentaram muitos tipos de minerais em sua pasta entre feldspato e quartzo. A fuligem é um indicativo da utilização dessas cerâmicas para cozinhar.

A urna funerária apresenta decoração externa e remete a tradição tupi de realizar sepultamentos secundários em grandes vasos decorados, onde a partir de uma processo de

higienização ainda não finalizado, foi possível identificar ossada parcialmente completas de três a quatro indivíduos possivelmente do sexo masculino jovens e velhos, identificados dessa forma através dos ossos da pelve e mandíbula. A presença de marcadores em grande parte dos ossos indicando com auxílio da microscopia de forma preliminar infecções dentárias e cânceres, assim como, fraturas no crânio e ossos da perna, demonstra que o estilo de vida desses povos não pode ter sido tão saudável, considerando a alimentação, conflitos e estilo de vida em geral, no entanto, levanta - se a hipótese de que enfermidades em povos indígenas tem mais ligação com a questão de consanguinidade ou seja, relações parentais comum em seu meio.

Mesmo que a presente pesquisa tenha tratado de uma pouca porcentagem de peças do sítio arqueológico Moconha isso possibilitou resultados positivos que permitem dizer que o referido sítio se trata de um promissor sítio com cerâmicas repletas de aspectos da tradição Tupi e apresenta aspectos da vida desses povos pretéritos. A pesquisa será levada adiante através de um mestrado para a futura obtenção de resultados mais precisos, por exemplo, se se trata de um sítio pré ou pós colonial e se a matéria prima das cerâmicas é oriunda do local, a fim de consolidar a tese da presença tupi na região. É importante salientar que a pesquisa é uma apresentação inicial dos primeiros resultados e que o material cerâmico e ósseo serão trabalhados respectivamente em pesquisas de mestrado e doutorado, considerando que existe muito para ser explorado.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Bento João da Graça Azevedo et al.(org.). **Guia ilustrado de anatomia humana para o aparelho locomotor**. Natal: Edufrn, 2018. 178 p.
- ALENCAR, Rebeca Oliveira de Assis. Estudo osteo arqueológico das remodelações articulares nos adultos jovens inumados no Cemitério Pré-histórico da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, PE. 2016. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal de Pernambuco.
- ASSIS, Lucas Ramon Porto de; SOUZA SANTOS, Juvandi de; SOUZA MORAIS, Karen Nadja de. ÍNDIOS TUPI DO INTERIOR DA PARAÍBA E SEUS FLUXOS MIGRATÓRIOS. **REVISTA TARAIRIÚ**, v. 1, n. 18, 2021.
- AZEVEDO, Renata Libonati de. **Datação por termoluminescência de cerâmicas do sítio arqueológico Aldeia do Carlos (PI)**. 2011.
- BORGES, José Elias. Índios paraibanos: classificação preliminar. In: MELO, José Octavio de Arruda & RODRIGUEZ, Gonzaga (orgs.). **Paraíba: conquista, patrimônio e povo**. João Pessoa: Edições GRAFSET, 1993, 21 - 38.
- CARBONERA, Mirian et al. Uma deposição funerária Guarani no alto rio Uruguai, Santa Catarina: escavação e obtenção de dados dos perfis funerário e biológico. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 13, p. 625-644, 2018.
- CAVALCANTE, Thamires Silva; DE SOUZA SANTOS, Juvandi. **Análise das cerâmicas do sítio Moconha e a possível presença Tupi no interior da Paraíba (PARTE 2)**. **REVISTA TARAIRIÚ**, v. 1, n. 20, 2022.
- CAVALCANTE, Thamires Silva; DE SOUZA SANTOS, Juvandi. ESTUDO DO MATERIAL CERÂMICO E ÓSSEO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA, SERRA GRANDE–PB E SUA PROVÁVEL RELAÇÃO COM A TRADIÇÃO TUPI. **REVISTA TARAIRIÚ**, v. 1, n. 21, 2022.
- CÉSAR, José Vicente. Enterros em urnas dos Tupi-Guarani. **Revista de Antropologia**, p. 53-72, 1966.
- CÉSAR, José Vicente. **Os Ceramistas Tupiguarani. Volume II. Elementos decorativos**. Belo Horizonte: Superintendência do IPHAN em Minas Gerais. v.2, 256 p.2010.
- CHMYZ, Igor et al. A ARQUEOLOGIA DA ÁREA DA MINA DOIS IRMÃOS, EM SÃO
- COMERLATO, Fabiana. (2021). **Caderno da Oficina "Arqueologia & Preservação" no XXI ENCONTRO REGIONAL DO NEMU..** 10.13140/RG.2.2.25613.05608.
- CONCEIÇÃO, Karen Cristina Costa da. **Cerâmica tupinambá na Ilha do Maranhão: a tradição tupiguarani e as narrativas históricas**. 2016.

COSTA, Giseli Santana da. **A iconografia cerâmica como marcador identitário dos grupos ceramistas Tupiguarani em Pernambuco** / Giseli Santana da Costa. – 2018. 165 f

CRISTANTE, Mariana Alves Pereira. Práticas funerárias de Grupos de Línguas Tupi-Guarani: Análise de contextos das regiões do Paranapanema e Alto Paraná. 2017. **Tese de Doutorado**. Universidade de São Paulo.

CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). **História dos Índios no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 608 p.

DAVES, Larissa Figueiredo. **A paisagem cultural do Sítio Arqueológico Piracanjuba, Piraju, SP**. 1 CD-ROM. Trabalho de conclusão de curso bacharelado - Geografia) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2016. Available at: <http://hdl.handle.net/11449/139265>.

DE QUEIROZ, Isabella Brandão. **A OSTEOMIELITE EM CRIANÇAS DE CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS**. 2019.

DE SOUZA SANTOS, Juvandi; DE SOUZA MORAIS, Karen Nadja. Índios Tupis no interior da Paraíba. **Revista Tarairiú**, v. 1, n. 17, p. 49-55, 2020.

DELFORGE, Alexandre Henrique. **O sítio arqueológico Cerâmica Preta: estudo das técnicas e da cadeia operatória da cerâmica queimada em ambiente redutivo dos povos pré-coloniais praticantes da tradição cerâmica Aratu-Sapucai**. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ENSAIO sobre os trabalhos arqueológicos em Brejo Santo. **A Munganga Promoção Cultural**. 7 de.mai.2020. Disponível em: <https://amunganga.blogspot.com/2020/05/ensaio-sobre-os-trabalhos-arqueologicos.html?m=1>. Acesso em: 27 de abril de 2022.

ETCHEVARNE, CARLOS. A ocupação humana do Nordeste brasileiro antes da colonização portuguesa. **Revista Usp**, n. 44, p. 112-141, 1999.

GASPAR, Meliam Viganó. **A cerâmica arqueológica na terra indígena Kaiabi (MT/PA)**. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

GUIMARÃES, B. F. Epidemias, fé e identidade: a construção do interior paraibano sob o olhar histórico e doente da morte. 2021. 161 f. **Trabalho de conclusão de curso** (Graduação em História).- Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2022.

HERCKMAN, ELIAS. Descrição geral da Capitania da Parahyba. **Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano**, tomo V, n. 31, 1886, p. 239-288. Recife: Typographia Industrial.

LA SALVIA, Fernando. **Cerâmica Guarani.**/ Fernando La Salvia e José Proença Brochado (orgs.). Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LIMA, Luiz Fernando Erig. **A CERÂMICA CAPÃO DO CANGA: UMA NOVA INDÚSTRIA CERÂMICA NA BACIA DO ALTO RIO GUAPORÉ, MATO GROSSO, BRASIL.** *Amazônica - Revista de Antropologia*, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 186-220, jun. 2012. ISSN 2176-0675. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/885/1278>. Acesso em: 29 de nov. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v4i1.885>.

LOPES, Marlos Pereira et al. **MOTIVOS GRÁFICOS DOS VESTÍGIOS CERÂMICOS DO SÍTIO CACHOEIRINHA I, PIAUÍ.** *FUMDHAMENTOS* (2018), vol. XV, n. 1. pp. 93-118. Disponível em: <http://fumdham.org.br/wp-content/uploads/2019/02/fumdham-fumdhamentos>. Acesso em: 10 de dezembro de 2021. Disponível em: [http://fumdham.org.br/wp-content/uploads/2020/03/fumdham-fumdhamentos-xvi-2019-n-1-\\_318790.pdf](http://fumdham.org.br/wp-content/uploads/2020/03/fumdham-fumdhamentos-xvi-2019-n-1-_318790.pdf). Acesso em: 10 de dezembro de 2021.

MANO, Marcel. A cerâmica e os rituais funerários: xamanismo, antropofagia e guerra entre os Tupi-Guarani. *Interações*, v. 4, n. 5, p. 111-128, 2009.

MATEUS DO SUL - PARANÁ. *ARQUEOLOGIA – Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas UFPR*. 6. 1- 147.21, 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/figure/Figura-28-Fragmentos-de-ceramica-Pintada-Tupiguaranicom-motivos-em-vermelho-sobre\\_fig15\\_299284827](https://www.researchgate.net/figure/Figura-28-Fragmentos-de-ceramica-Pintada-Tupiguaranicom-motivos-em-vermelho-sobre_fig15_299284827). Acesso em: 8 de novembro 2021.

MATTOS, Leandro. **Anatomia Papel e Caneta**, 2019. Disponível em: <https://anatomia-papel-e-caneta.com/>

MOURA, F.E.C., ARAUJO, M. M., et. al. Cistos do complexo maxilo-mandibular *In: Aspectos atuais da Cirurgia e traumatologia buco-maxilo-facial*. 1 ed. São Paulo : Livraria Santos Editora, 2007, p. 171-194.

MÜLLER, Leticia Morgana. Dentro do pote de barro: reflexões sobre os enterramentos Guarani através da sua cultura material. *Revista Cadernos do Ceom*, v. 19, n. 24, p. 83-108, 2006.

NETTER, Frank H.. Atlas de Anatomia Humana. 2ed. Porto Alegre: **Artmed**, 2000. In: Aula de Anatomia. com. Disponível em: [https://www.auladeanatomia.com/sistemas/275/mandibula#google\\_vignette](https://www.auladeanatomia.com/sistemas/275/mandibula#google_vignette)

NEVES, Walter Alves et al. Origem e dispersão dos Tupiguarani: o que diz a morfologia craniana?. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 6, p. 95-122, 2011.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Mapa Etno-Histórico do Brasil e regiões adjacentes**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Mapa%20Nimuendaju%202017%20versã%20J%20orge%2004092017.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2021.

NOELLI, Francisco Silva. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. *Revista de antropologia*, p. 7-53, 1996.

NOELLI, Francisco Silva. José Proenza Brochado: vida acadêmica e ideais sobre o passado dos povos Tupi. **Os Ceramistas Tupiguarani**, v. 1, p. 5-38, 2008.

NOELLI, Francisco Silva.. POR UMA REVISÃO DAS HIPÓTESES SOBRE OS CENTROS DE ORIGEM E ROTAS E EXPANSÃO PRÉ-HISTÓRICAS DOS TUPIS. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 20, n. 1, p. 107-136, 1994.

NOGUEIRA, Mônica Almeida Araújo. **A cerâmica tupinambá na serra de Santana RN: O sítio arqueológico aldeia da serra de Macaguá I**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011. Disponível em: <https://attena.ufpe.br/handle/123456789/833>. Acesso em: 8 de novembro de 2021.

OLIVEIRA, Hiago Marcos Siqueira de. **Ossos de indivíduos não adultos provenientes do Sítio Barra, Camalaú-PB: um estudo bioarqueológico**. 2019.

OLIVEIRA, Jefferson. Odontoup. **Anatomia da Mandíbula (Com Tabela Resumida do Osso)**. Disponível em: <https://www.odontoup.com.br/anatomia-da-mandibula-com-tabela-resumida-do-osso/>. Acesso em: 10 de abr. 2023.

PANACHUK, Lílian. **A diversidade das coisas: modos de expressão na cerâmica Tupiguarani da Ilha de São Luís e arredores, Maranhão/Brasil**. *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico/UFGM*, v. 25/1, p. 125- 171, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mhnb/article/view/6292>. Acesso em: 8 de novembro de 2021.

PINTO, Estêvão. **Os indígenas do Nordeste**. Brasiliana, 1935.

PROFESSORA Cristina. **MATRIZES DA ARTE NO BRASIL Módulo 1: Matrizes indígenas**. Professora Cristina. Disponível em: <https://docplayer.com.br/85696795-Revisao-1o-bim-8os-anos-professora-cristina.html>. Acesso em: 29 de dezembro de 2021.

PROUS, A.; ANDRADE Lima, T. **Os Ceramistas Tupiguarani**. Volume I. Sínteses Regionais. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 143–147, 2009. DOI: 10.24885/sab.v22i1.268. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/index.php/sab/article/view/268>. Acesso em: 22 novembro de 2021.

- PROUS. A. A pintura em cerâmica Tupiguarani. **Ciência Hoje**, v. 36, n. 213, p. 22-28, 2005.
- PROUS. A.. et al. **Catálogo de pinturas em cerâmica tupiguarani**. Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.
- PROUS. A. A Pintura Tupiguarani em Cerâmica. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, Suplemento 8: 11-20, 2009.
- RELATÓRIO final das atividades de salvamento e análises arqueológicas do sítio Moconha e entorno, município de Serra Grande. Sertão da Paraíba. Universidade Estadual da Paraíba, Laboratório de Arqueologia e Paleontologia – LABAP/UEPB.
- RIBEIRO, Loredana; JÁCOME, Camila. **Tupi ou não Tupi? Predação material, ação coletiva e colonialismo no Espírito Santo, Brasil**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 9, p. 465-486, 2014.
- RIZZARDO, Fabiane Maria. **Sepultamento dos mortos entre antigas populações do Tronco Tupi: confrontando arqueólogos e cronistas quinhentistas**. 2017.
- SALLUM, Marianne; APPOLONI, Carlos R; ORTIZ, Agustin; CECCANTINI, Gregório; AFONSO, Marisa C. **Estudos de pigmentos, pastas e vestígios químicos de cerâmica Tupi do sítio Gramado (Brotas, São Paulo - Brasil)**. In: Cadernos do Lepaarq, v. XV, n.30., p. 191-218, Jul-Dez. 2018..
- SANTOS, Juvandi de Souza. Práticas funerárias e cultura material nos Sertões da Paraíba: a necrópole sítio Pinturas I, em São João do Tigre. 2009. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal de Pernambuco.
- SCHMITZ, P. I. A decoração plástica na Cerâmica da tradição Tupiguarani. In: **Os ceramistas Tupiguarani. Volume II. Elementos decorativos**. Belo Horizonte: Superintendência do IPHAN em Minas Gerais. v.2 , 256p.2010.
- SILVA CAVALCANTE, Thamires da; DE MEDEIROS, Thalles Rennan Maia; DE SOUZA SANTOS, Juvandi. **ANÁLISE DAS CERÂMICAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA E A POSSÍVEL PRESENÇA TUPI NO INTERIOR DA PARAÍBA**. REVISTA TARAIRIÚ, v. 1, n. 19, p. 1-29, 2022.
- SILVA CAVALCANTE, Thamires da; DE MEDEIROS, Thalles Rennan Maia; DE SOUZA SANTOS, Juvandi. **ANÁLISE DAS CERÂMICAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA E A POSSÍVEL PRESENÇA TUPI NO INTERIOR DA PARAÍBA**. REVISTA TARAIRIÚ, v. 1, n. 19, p. 1-29, 2022.
- SILVA, A. L.; OLIVEIRA, C.A. de. Estudos sobre Caracterização e Classificação Decoração da Cerâmica da Arqueológica Pintada. **FUMDHAMentos**, vol.XVI, n.1. pp. 55-76, 2019. Disponível em:



[http://fumdham.org.br/wp-content/uploads/2020/03/fumdham-fundamentos-xvi-2019-n-1-\\_318790.pdf](http://fumdham.org.br/wp-content/uploads/2020/03/fumdham-fundamentos-xvi-2019-n-1-_318790.pdf) Acesso em: 28 de novembro de 2021.

SOLARI, Ana et al. Os Remanescentes humanos das urnas funerárias Tupi-Guarani no Sítio Baixio dos Lopes, Brejo Santo - CE (720 ± 30 AP). **Clio Arqueológica** 2022, V37 N1, p. 45-69,

TOCCHETTO, F.B. **Possibilidades de interpretação do conteúdo simbólico da arte gráfica Guarani**. Rev.do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 6:33-45,1996.